



12 anos espalhando caridade, amor e sabedoria



MATÉRIA ESPECIAL • ARCAS, 12 anos construindo pontes entre o Céu e a Terra

RAMATÍS • Presença, caminho e serviço — o testemunho de Tonny

VIRTUDES • A coragem **LIVROS** • os lançamentos da Casa

Uma nova jornada editorial da Casa



Tonny

Tonny Robert Martins da Costa
Dirigente Espiritual

Queridos irmãos e amigos, sejam bem-vindos à primeira edição da *Revista Arcas*.

É com o coração aquecido que apresentamos esta nova jornada editorial da Arcas Ramatís. Cada seção destas páginas foi pensada para nutrir corpo, mente e espírito — dos estudos doutrinários às dicas de bem-estar, passando por livros, cultura e as histórias de quem vive o dia a dia da nossa Casa.

Celebramos, nesta edição, os doze anos de uma obra que continua sendo escrita todos os dias por muitas mãos. E o fazemos da maneira que melhor nos representa: estudando, acolhendo e servindo. Não como uma obra concluída, mas como uma obra em permanente construção.

Que estas páginas sejam, para você, um encontro tranquilo, e um convite a caminhar conosco. Que o nosso Mestre Ramatís e todos os amigos espirituais que acompanham esta Casa continuem nos inspirando e orientando.

Boa leitura!

Um abraço fraterno,

Tonny

Revista Arcas · Nº 1 · Setembro de 2026 — celebrando doze anos de caridade, amor e sabedoria.

Nesta edição

Editorial Palavra do dirigente	02
Matéria Especial ARCAS — 12 anos construindo pontes entre o Céu e a Terra	04
Ramatís Presença, caminho e serviço — o testemunho de Tonny	16
Livros Os lançamentos da Editora Arcas Ramatís	31
Alimentação Saudável Vegetarianismo: saúde, consciência e equilíbrio	33
Dicas Culturais Para ver, ouvir e conferir	35
Saúde Física e Mental Quando o corpo fala	36
Educação Infantil Caminhando pelas abordagens educacionais	38
Psicografia Aprender a viver	42
Causos O Menino da Mangueira	43
Virtudes A coragem, o portal que eleva a alma	48
Moral Cristã O caminho da transformação interior	55
Reflexões Iniciação Espírita e Estudos Mediúnicos	57
Programação da Casa A agenda semanal da Casa	60



ARCAS — 12 anos construindo pontes entre o Céu e a Terra

Uma história de espiritualidade, conhecimento, acolhimento e serviço que continua a ser escrita todos os dias.

Há histórias que começam com grandes estruturas, projetos cuidadosamente planejados e caminhos previamente definidos. Outras começam de maneira muito mais simples: com um encontro, uma

inspiração, algumas pessoas reunidas e a percepção de que algo precisava ser feito.

A história da ARCAS pertence a esse segundo grupo.

Doze anos, muitos recomeços

Nossa ideia começou a tomar forma em 4 de janeiro de 2014, naquilo que carinhosamente ficou conhecido como Casa da Blanca. Ali estava a semente. Ainda não era possível enxergar tudo o que surgiria depois, mas já existia aquilo que permanece essencial até hoje: a vontade de estudar, compreender, acolher, servir e trabalhar no bem.

Poucos meses depois, em 11 de junho de 2014, aquela ideia começou efetivamente a transformar-se em ação, na Avenida Senador Casemiro da Rocha, 262. Em janeiro de 2021, precisamos mudar de endereço para a Rua Luís Góis, 243, onde estamos até hoje.

Doze anos se passaram. Quando olhamos para trás, percebemos que não estamos comemorando simplesmente o aniversário de uma instituição. Celebramos milhares de encontros, histórias, aprendizados, tratamentos, estudos, atendimentos, desafios superados e pessoas que, de alguma maneira, cruzaram o caminho da ARCAS.

Celebramos, sobretudo, doze anos de trabalho.



Rua Luís Góis, 243 — nossa segunda casa e atual sede, sob a luz do trabalho espiritual

Uma Casa espiritual universalista

Desde o princípio, compreendemos que a espiritualidade é muito maior do que os limites que frequentemente tentamos estabelecer para compreendê-la. Por isso, a ARCAS desenvolveu ao longo dos anos uma identidade espiritual universalista, tendo Jesus como referência maior de amor, consciência e transformação e nosso querido Mestre Ramatís como dirigente espiritual da Casa.

Sob essa orientação, aprendemos a reconhecer que diferentes tradições e linhas de trabalho podem colaborar na mesma direção quando estão comprometidas com o bem. Em nossa caminhada convivem os conhecimentos do Espiritismo, da Apometria, da Orthometria e das diferentes linhas da Umbanda, com a atuação de Orixás, Caboclos, Pretos-Velhos, Exus, Crianças e tantas outras manifestações de trabalho e caridade espiritual.

Também encontramos espaço para os ensinamentos e trabalhos relacionados à Grande Fraternidade Branca, aos Comandantes Estelares e a outras linhas e consciências espirituais que trabalham na

direção dos princípios de amor e fraternidade ensinados pelo Mestre Jesus.

Não buscamos uniformizar aquilo que é diverso. Buscamos compreender. Estudar. Discernir. E, acima de tudo, servir.

Essa característica tornou-se especialmente importante nos trabalhos de desobsessão desenvolvidos pela Casa. Ao longo dos anos, aprendemos que determinadas situações podem ser relativamente simples, enquanto outras apresentam estruturas extremamente complexas e exigem diferentes conhecimentos e abordagens.

Por isso, nossos trabalhos podem integrar recursos provenientes da desobsessão espírita, da visão universalista, da Apometria, da Umbanda, da Grande Fraternidade Branca, dos Comandantes Estelares e de outras linhas espirituais compatíveis com os princípios que orientam a Casa.

A técnica, entretanto, nunca deve ser maior do que o propósito. E o propósito continua sendo o mesmo: acolher, esclarecer, tratar, libertar consciências e servir ao bem.



Uma casa espiritual universalista

Estudar para servir melhor

A ARCAS também nasceu com uma profunda vocação para o estudo e a formação. Não acreditamos em desenvolvimento espiritual separado do conhecimento, da responsabilidade e do autoconhecimento.

Por isso, ao longo de nossa trajetória estruturamos cursos e treinamentos de Iniciação Espírita, Desenvolvimento Mediúnico, Apometria e Orthometria, além de programas específicos de Treinamento de Desobsessão e Treinamento de Psicografia.

Criamos também nosso Laboratório Espiritual, espaço destinado ao estudo, à experimentação responsável, à observação e ao aprofundamento de fenômenos e práticas relacionados ao universo espiritual.

São diferentes caminhos para uma mesma finalidade: preparar pessoas para que compreendam melhor a própria espiritualidade e possam colocar conhecimento e mediunidade a serviço do próximo. Porque mediunidade, para nós, não representa privilégio. Representa responsabilidade.

ESTUDAR PARA SERVIR MELHOR

A ARCAS nasceu com uma profunda vocação para o estudo e a formação. Não acreditamos em desenvolvimento espiritual separado do conhecimento, da responsabilidade e do autoconhecimento.

São diferentes caminhos para uma mesma finalidade: preparar pessoas para que compreendam melhor a própria espiritualidade e possam colocar conhecimento e mediunidade a serviço do próximo.

Porque mediunidade, para nós, não representa privilégio.

Representa RESPONSABILIDADE.

ARCAS
Associação Ramatis Caridade, Amor e Sabedoria
Conhecer, Amar e Servir

INICIAÇÃO ESPÍRITA
Estudo da Doutrina Espírita para compreender a vida, o espírito e suas leis.

DESENVOLVIMENTO MEDIÚNICO
Autoconhecimento, disciplina, prática consciente e desenvolvimento das faculdades mediúnicas com responsabilidade.

APOMETRIA
Estudo e aplicação de técnicas de libertação espiritual com embasamento, ética e caridade.

ORTHOMETRIA
Ciência espiritual que trabalha o equilíbrio, a harmonização e a correção de desajustes energéticos e espirituais.

TREINAMENTO DE DESOBSessão
Formação completa para atuar com segurança, amor e eficácia nos trabalhos de desobsessão simples e complexa.

TREINAMENTO DE PSICOGRAFIA
Desenvolvimento da escrita mediúnica com técnica, responsabilidade e compromisso com a verdade e o bem.

LABORATÓRIO ESPIRITUAL
Espaço de pesquisa, observação e experimentação responsável para o aprofundamento do conhecimento e da prática espiritual.

ESTUDAR
Busca constante do conhecimento.

COMPREENDER
Discernimento, autoconhecimento e humildade.

DISCERNIR
Saber aplicar o que é útil, verdadeiro e necessário.

SERVIDOR
Colocar o saber a serviço do bem e do próximo.

TRANSFORMAR
O conhecimento que liberta, cura e transforma.

— CONHECIMENTO SEM CARIDADE NÃO TRANSFORMA. CARIDADE SEM CONHECIMENTO NÃO LIBERTA. —

Estudar é preparar-se. Servir é realizar.

Tratamento, acolhimento e transformação

Os Tratamentos Espirituais constituem uma das principais frentes de atuação da ARCAS. E os números ajudam a compreender a dimensão que esse trabalho alcançou. Desde os primeiros registros da Casa até 2026, o levantamento *ARCAS em Números* contabiliza mais de 154 mil tratamentos espirituais.

Mas existe algo que nenhuma planilha consegue registrar. Atrás de cada número existe uma pessoa. Existe alguém que chegou procurando auxílio. Uma família preocupada.

Uma história de sofrimento. Uma dúvida. Uma esperança. Uma oportunidade de recomeçar.

Por isso, quando dizemos 154 mil tratamentos, não estamos celebrando simplesmente uma estatística. Estamos lembrando milhares de encontros entre pessoas que buscaram ajuda, trabalhadores encarnados que se dispuseram a servir e equipes espirituais que nos ensinaram, ao longo desses anos, que ninguém trabalha sozinho.

154 mil

TRATAMENTOS ESPIRITUAIS REALIZADOS



Espiritualidade também se pratica com as mãos

Se existe uma ideia que desejamos preservar na ARCAS é a de que espiritualidade e responsabilidade social não podem caminhar separadas. Não basta falar sobre amor: é preciso transformá-lo em ação. Por isso, paralelamente aos trabalhos espirituais, desenvolvemos uma ampla frente social.

Ao longo desses anos foram distribuídas cestas básicas, milhares de lanches e marmitas, além da assistência continuada a

famílias e da realização de campanhas de Natal. Nosso trabalho também alcança instituições que atendem públicos particularmente vulneráveis, entre elas ILPIs, que acolhem idosos, e SAICAs, que atendem crianças e adolescentes.

São alimentos, roupas, brinquedos, materiais e recursos. Mas esperamos que sejam também algo mais. Que cada entrega diga, silenciosamente: **“Você não está sozinho.”**

ESPIRITUALIDADE TAMBÉM SE PRÁTICA COM AS MÃOS

Se existe uma ideia que desejamos preservar na ARCAS é a de que espiritualidade e responsabilidade social não podem caminhar separadas.

Não basta falar sobre amor. É preciso transformá-lo em ação.

Por isso, paralelamente aos trabalhos espirituais, desenvolvemos uma ampla frente social.

ARCAS
Associação Ramatis Caridade, Amor e Sabedoria
Conhecer, Amar e Servir

Ao longo desses anos foram distribuídas:

- MILHARES de cestas básicas
- MILHARES de lanches e marmitas
- ASSISTÊNCIA a famílias todos os anos

Alimentos, roupas, brinquedos, materiais e recursos. Mas esperamos que sejam também algo mais. Que cada entrega diga silenciosamente: **“Você não está sozinho.”**

ESPIRITUALIDADE E RESPONSABILIDADE SOCIAL:
dois caminhos que se encontram no amor e no serviço ao bem.

Serviços oferecidos:

- CESTAS BÁSICAS:** Alimento que sustenta, gesto que acolhe.
- LANCHES E MARMITAS:** Milhares de refeições distribuídas com amor e respeito.
- ASSISTÊNCIA CONTINUADA:** Acolhimento, escuta, orientação e apoio para famílias que precisam.
- CAMPANHAS DE NATAL:** Gestos que aquecem o coração e renovam a esperança.
- ILPIs – Instituições de Longa Permanência para Idosos:** Respeito, carinho e dignidade para quem tanto já fez.
- SAICAs – Serviços de Acolhimento para Crianças e Adolescentes:** Cuidado, proteção e oportunidades para construir um futuro melhor.
- ACOLHER:** Cada pessoa é única e merece respeito.
- COMPARTILHAR:** O que temos se multiplica quando dividimos.
- SERVIÇÃO:** Mãos que se doam, corações que entendem.
- TRANSFORMAR:** Pequenas ações que geram grandes mudanças.
- AMAR:** O amor em ação é a força que move a ARCAS.

Uma escola onde começa o futuro

Entre os trabalhos que mais representam nossa visão de futuro está a manutenção de uma escola destinada a crianças de 0 a 6 anos, sem fins lucrativos e com bolsas integrais. Educar uma criança significa atuar onde o futuro ainda está começando.

Significa compreender que transformação social não acontece apenas quando

socorremos uma necessidade imediata, mas também quando criamos oportunidades para que novas histórias possam ser construídas. Cada criança acolhida representa uma possibilidade. Cada família apoiada amplia essa transformação. E cada oportunidade educacional oferecida é uma semente cujos frutos talvez somente as próximas décadas consigam revelar.



ARCAS EDUCAÇÃO

Uma escola onde começa o futuro

NOSSA MISSÃO

Oferecer educação infantil de qualidade, sem fins lucrativos e com bolsas integrais, para crianças de 0 a 6 anos, promovendo desenvolvimento integral com amor, respeito e responsabilidade social.

EDUCAR É PLANTAR HOJE **O AMANHÃ É O FUTURO** **CADA CRIANÇA, UMA POSSIBILIDADE** **JUNTOS, TRANSFORMAMOS VIDAS** **EDUCAR É AMAR E SERVIR**

AMBIENTES QUE ACOLOM, ESTIMULAM E TRANSFORMAM













VALORES QUE ORIENTAM NOSSA ESCOLA







Educar é semear valores que transformam o hoje e constroem o amanhã.

UMA PEDAGOGIA DA LIBERDADE, AÇÃO E AMOR

INTEGRAÇÃO DE MÉTODOS



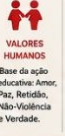
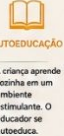


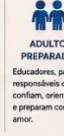
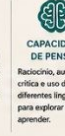
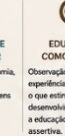


ARCAS EDUCAÇÃO

Combinação de diversas correntes pedagógicas da educação infantil (Montessori, Emmi Pikler, Reggio Emilia / Loris Malaguzzi, Waldorf e Espirita).

OS 7 PILARES DA ARCAS EDUCAÇÃO

OBJETIVOS DA ARCAS EDUCAÇÃO

a) manter ensino de cursos de educação infantil, ensino fundamental, ensino médio e ensino técnico profissionalizante;

b) atender crianças e adolescentes carentes, de forma gratuita, custeadas pela ARCAS EDUCAÇÃO;

c) estender o atendimento a crianças e adolescentes de famílias que possuam condições econômicas, cujas famílias estariam contribuindo para custear seu processo de aprendizagem;

d) cumprir em seus estabelecimentos de ensino, com excelência e qualidade, o currículo escolar conforme exigências legais;

e) produzir e realizar projetos culturais e fomentar intercâmbio científico e cultural, principalmente em convênio com instituições similares, públicas ou privadas, nacionais ou estrangeiras;

f) promover, sob todas as formas, a educação física, artística e sociocultural;

g) conduzir a participação das famílias, junto à ARCAS EDUCAÇÃO, no processo de aprendizagem das crianças e adolescentes;

h) desenvolver outras atividades correlatas aos objetivos sociais.

♥ Cada criança importa. Cada família importa. Cada vida importa. ♥

Conhecer, Amar e Servir.







ARCAS Educação — ambientes que acolhem, valores que orientam e uma pedagogia da liberdade, da ação e do amor

Aberta ao conhecimento e à convivência

Nossa missão também acontece por meio da palavra. Realizamos palestras semanais presenciais, transmitidas também pelo YouTube, ampliando o alcance das reflexões, estudos e experiências desenvolvidos na Casa. Da mesma forma, mantemos encontros de leitura e discussão do Evangelho, presencialmente e por transmissão, porque entendemos que estudar os ensinamentos de Jesus continua sendo uma das ferramentas

mais importantes para transformar conhecimento espiritual em mudança de comportamento.

Não desejamos apenas conhecer fenômenos espirituais. Queremos compreender como viver melhor. Como perdoar. Como desenvolver responsabilidade. Como lidar com nossas imperfeições. Como transformar conhecimento em consciência e consciência em atitude.



Uma Casa que permanece aberta ao conhecimento

Associação Ramatis
Caridade, Amor e Sabedoria

Nossa missão também acontece por meio da palavra.

Realizamos **palestras semanais presenciais**, transmitidas também pelo **YouTube**, ampliando o alcance das reflexões, estudos e experiências desenvolvidos na Casa.

PALESTRAS SEMANAIS – PRESENCIAIS E ONLINE



Palestras presenciais na ARCAS

Transmissão ao vivo pelo YouTube



Ondas Mentais e as Ilusões



Sinais da Transição Planetária
Lucio



O verdadeiro inimigo meu

Reflexões, estudos e experiências que iluminam e transformam.

ESTUDO DO EVANGELHO – PRESENCIAL E ONLINE

Mantemos encontros de **leitura e discussão do Evangelho**, presencialmente e por transmissão, porque entendemos que estudar os ensinamentos de Jesus continua sendo uma das ferramentas mais importantes para transformar conhecimento espiritual em mudança de comportamento.



“Conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará.”
(João 8:32)

Encontros presenciais na ASSOCIAÇÃO ESPÍRITA JACOB

Transmissão ao vivo pelo YouTube

NOSSO PROPÓSITO É VIVER O CONHECIMENTO

Não desejamos apenas conhecer fenômenos espirituais. Queremos compreender como viver melhor.



Como perdoar.



Como desenvolver responsabilidade.



Como lidar com nossas imperfeições.



Como transformar conhecimento em consciência.



Como transformar consciência em atitude.

Estudar, refletir e praticar: esse é o caminho da transformação.





Associação Ramatis
Caridade, Amor e Sabedoria

Rua Luís Góis, 243
Nossa Segunda Casa
Nova Sede da ARCAS
São Paulo/SP

NATUREZA

ANIMAIS

FAMÍLIA

SOCIEDADE

COSMO

Conhecer, Amar e Servir.

Uma comunidade que sustenta uma missão

A ARCAS também acontece nos espaços que muitas vezes parecem simples, mas que são fundamentais para manter nossa comunidade reunida e nossas atividades funcionando.

Nosso Bazar, nossa Cantina e nossa Livraria fazem parte desse ecossistema. São espaços de convivência, colaboração e sustentabilidade.

Na Livraria, livros encontram novos leitores e ideias continuam circulando. No Bazar, aquilo

que alguém já não utiliza pode adquirir nova finalidade e contribuir para nossos projetos.

Na Cantina, entre um café e uma conversa, fortalecem-se vínculos que também fazem parte da vida de uma Casa espiritual. Porque uma instituição também se constrói nos corredores, nas conversas e na disposição de inúmeras pessoas que realizam, silenciosamente, aquilo que precisa ser feito.



Uma comunidade que sustenta uma missão

A ARCAS também acontece nos espaços que muitas vezes parecem simples, mas que são fundamentais para manter nossa comunidade reunida e nossas atividades funcionando.

- Nosso **Bazar**, nossa **Cantina** e nossa **Livraria** fazem parte desse ecossistema.
- São espaços de convivência, colaboração e sustentabilidade.
- Na **Livraria**, livros encontram novos leitores e ideias continuam circulando.
- No **Bazar**, aquilo que alguém já não utiliza pode adquirir nova finalidade e contribuir para nossos projetos.
- Na **Cantina**, entre um café e uma conversa, fortalecem-se vínculos que também fazem parte da vida de uma Casa espiritual.

Porque uma instituição não é construída apenas durante tratamentos, cursos ou palestras. Ela é construída também nos corredores, nas conversas, nos encontros e na disposição de inúmeras pessoas que realizam silenciosamente aquilo que precisa ser feito.

LIVRARIA

Conhecimento que transforma



Cada livro carrega uma ideia. Cada leitura pode transformar uma vida.

BAZAR

Solidariedade que renova



Aquilo que você doa, alguém recebe com gratidão. Todos ganham.

CANTINA

Encontros que fortalecem



Entre um café e uma conversa, nascem amizades e se fortalecem os laços que sustentam nossa Casa.

Espaços simples, gestos sinceros e pessoas comprometidas.
Assim a ARCAS segue acolhendo, servindo e transformando.








Associação Ramatis
Caridade, Amor e Sabedoria

AMOR PAZ RETIDÃO NÃO-VIOLÊNCIA VERDADE

Conhecer, Amar e Servir.

YouTube /arcasramaticaridadeamores2207
www.arcasramatis.org.br

Uma comunidade que sustenta uma missão

ARCAS em números. ARCAS em pessoas.

Poderíamos contar nossa história somente por meio das estatísticas: mais de 154 mil tratamentos espirituais; milhares de refeições e lanches distribuídos; milhares de cestas e ações sociais; famílias acompanhadas; crianças atendidas; idosos acolhidos por instituições apoiadas; cursos realizados; trabalhadores formados; palestras transmitidas; horas incontáveis dedicadas voluntariamente ao próximo.

Mas a verdadeira história da ARCAS não cabe em uma planilha. Ela está nas pessoas. Naqueles que fundaram. Naqueles que chegaram depois. Naqueles que

permaneceram. Naqueles que passaram por aqui apenas durante determinado período. Naqueles que receberam auxílio e depois retornaram para auxiliar alguém.

Nos médiuns, dirigentes, professores, palestrantes, voluntários, trabalhadores da assistência social, colaboradores do bazar, da cantina, da livraria, da escola e de tantas atividades que compõem nossa Casa. E também naqueles que ninguém vê: as equipes espirituais que nos acompanham e nos lembram permanentemente de que somos apenas instrumentos de uma obra muito maior.



**ARCAS em números.
ARCAS em pessoas.**

Mais que estatísticas, histórias de amor que transformam vidas.

ARCAS EM NÚMEROS

- + 154 MIL tratamentos espirituais realizados
- + MILHARES de refeições e lanches distribuídos
- + MILHARES de cestas e ações sociais
- + FAMÍLIAS acompanhadas
- + CRIANÇAS atendidas
- + IDOSOS acolhidos por instituições apoiadas
- + CURSOS realizados
- + TRABALHADORES formados
- + PALESTRAS transmitidas
- + INCONTRÁVEIS HORAS dedicadas voluntariamente ao próximo

Cada número representa um ato de amor.
Cada ato de amor transforma o mundo.



A VERDADEIRA HISTÓRIA DA ARCAS É FEITA DE PESSOAS.

- Naqueles que fundaram.
- Naqueles que chegaram depois.
- Naqueles que permaneceram.
- Naqueles que passaram por aqui apenas durante determinado período.
- Naqueles que receberam auxílio e depois retornaram para auxiliar alguém.
- Nos médiuns, dirigentes, professores, palestrantes, voluntários, trabalhadores da assistência social, colaboradores do bazar, da cantina, da livraria, da escola e de tantas atividades que compõem nossa Casa.
- E também naqueles que ninguém vê.

Juntos, somos instrumentos de uma obra maior.



A ARCAS é construída no visível e no invisível, no trabalho e na oração, na ação e na fé.
E continuará sendo, enquanto houver amor e serviço.



AMOR PAZ RETIDÃO NÃO-VIOLÊNCIA VERDADE

YouTube /arcasramatiscaridadeamores2207
www.arcasramatis.org.br

ARCAS em números, ARCAS em pessoas — cada estatística guarda, por trás, um rosto e uma história

Doze anos depois, continuamos começando

Comemorar 12 anos poderia significar olhar para trás. Preferimos também olhar para frente. Porque ainda existe muito a aprender, muito a estudar, muito a aperfeiçoar; muitas pessoas a acolher, muitas consciências a esclarecer, muitas crianças a educar, muitas famílias a auxiliar e muito trabalho a realizar.

Se em 4 de janeiro de 2014 nasceu uma ideia e em 11 de junho daquele mesmo ano ela começou a transformar-se concretamente em ação no bem, talvez nossa maior responsabilidade, 12 anos depois, seja garantir que essa chama continue acesa. Não sabemos exatamente como será a ARCAS daqui a outros 12 anos, mas sabemos como desejamos chegar até lá: com os pés firmemente colocados na Terra, trabalhando;

com a mente aberta ao conhecimento, estudando; com respeito às diferentes expressões da espiritualidade, aprendendo; com as mãos disponíveis para servir; e com o coração voltado aos ensinamentos do Mestre Jesus.

A todos que fizeram e fazem parte desta história, nossa profunda gratidão. Aos que chegaram recentemente, sejam bem-vindos. E aos que ainda chegarão, esperamos deixar uma Casa cada vez melhor para recebê-los. Que nosso Mestre Ramatís e todos os amigos espirituais que acompanham esta Casa continuem nos inspirando, orientando e, quando necessário, corrigindo nossos caminhos.

Porque talvez seja essa a melhor maneira de compreender os primeiros 12 anos da ARCAS: não como uma obra concluída, mas como uma obra em permanente construção.

Uma obra em permanente construção

Uma obra feita de pessoas. Uma obra feita de conhecimento. Uma obra feita de espiritualidade. Uma obra feita de serviço. Uma ação no bem.

ARCAS — 12 anos

Que os próximos capítulos continuem sendo escritos sob a inspiração do Alto e pelas mãos de todos aqueles que acreditam que servir ainda é uma das mais belas formas de transformar o mundo.

ARCAS
Associação Ramatis
Caridade, Amor e Sabedoria

12 ANOS
— 2014 - 2026 —
Uma ação no bem.

**DOZE ANOS DEPOIS,
continuamos começando**

ARCAS EM 2038
Nossa visão para os próximos 12 anos

- Mais acolhimento
- Mais conhecimento
- Mais educação
- Mais assistência
- Mais sustentabilidade
- Mais integração
- Mais amor em ação

Um campus de luz, aprendizado, serviço e espiritualidade, integrado à natureza e à comunidade.

Comemorar 12 anos poderia significar olhar para trás. Preferimos também olhar para frente.

- Porque ainda existe muito a aprender.
- Muito a estudar.
- Muito a aperfeiçoar.
- Muitas pessoas a acolher.
- Muitas consciências a esclarecer.
- Muitas crianças a educar.
- Muitas famílias a auxiliar.
- E muito trabalho a realizar.

Se em 4 de janeiro de 2014 nasceu uma ideia e em 11 de junho daquele mesmo ano aquela ideia começou a transformar-se concretamente em ação no bem, talvez nossa maior responsabilidade, 12 anos depois, seja garantir que essa chama continue acesa.

COMO DESEJAMOS CHEGAR ATÉ 2038 —

- Com os pés firmemente colocados na Terra, trabalhando.
- Com a mente aberta ao conhecimento, estudando.
- Com respeito às diferentes expressões da espiritualidade, aprendendo.
- Com as mãos disponíveis para servir.
- E com o coração voltado aos ensinamentos do Mestre Jesus.

Que nosso Mestre Ramatis e todos os amigos e trabalhadores espirituais que acompanham esta Casa continuem nos inspirando, orientando e, quando necessário, corrigindo nossos caminhos.

2014
Nasce uma ideia

2014
Começa a ação

2038
Um futuro de serviço e luz

Do passado que nos trouxe até aqui, ao futuro que construiremos juntos.

EDUCAÇÃO QUE TRANSFORMA

CONHECIMENTO QUE ILUMINA

CONVIVÊNCIA QUE FORTALECE

ASSISTÊNCIA QUE AMPARA

PALESTRAS QUE ESCLARECEM

Pessoas **Conhecimento** **Espiritualidade** **Serviço** **Ação no bem**

A todos que fizeram e fazem parte desta história, nossa profunda gratidão.

Aos que chegaram recentemente, sejam bem-vindos.

Porque talvez seja essa a melhor maneira de compreender os primeiros 12 anos da ARCAS: não como uma obra concluída, mas como uma obra em permanente construção.

Que os próximos capítulos continuem sendo escritos sob a inspiração do Alto e pelas mãos de todos aqueles que acreditam que servir ainda é uma das mais belas formas de transformar o mundo.

ARCAS — 12 anos.

Ramatís: presença, caminho e serviço

Reflexões sobre uma experiência espiritual que atravessa minha história e a construção da ARCAS.

por Tonny Robert Martins da Costa

Há encontros que conseguimos localizar com precisão no tempo. Lembramos o dia, o lugar, as circunstâncias e até as palavras pronunciadas. Outros encontros são diferentes: quando percebemos sua importância, descobrimos que talvez tenham começado muito antes do momento em que tomamos consciência deles.

É assim que compreendo hoje minha relação com Ramatís. Durante muito tempo, se alguém me perguntasse quando o conheci, provavelmente eu responderia mencionando o período em que comecei a estudar suas obras, especialmente *O Sublime Peregrino* e *Fisiologia da Alma*, por volta de 2013. Foi naquele momento que seu nome, seus ensinamentos e sua proposta universalista passaram a ocupar um espaço mais consciente em minha caminhada espiritual.

Hoje, entretanto, não tenho tanta certeza de que essa seja a resposta completa. Talvez eu tenha conhecido Ramatís naquele período; talvez apenas tenha começado a reconhecer algo que, de alguma forma, já vinha se manifestando em minha trajetória.

E existe uma diferença muito grande entre conhecer e reconhecer.



Mestre Ramatís, dirigente espiritual da Casa

Uma história que desperta uma estranha familiaridade

Nas informações transmitidas por Hercílio Maes e reunidas posteriormente em diferentes registros sobre Ramatís, encontramos a narrativa de sua existência na Indochina, no século X. Segundo essa tradição, ele teria sido instrutor em um santuário iniciático e reunido ao seu redor setenta e dois discípulos provenientes de diferentes correntes religiosas e espiritualistas — do Egito, da Índia, da Grécia, da China e da Arábia.

Desses setenta e dois, apenas dezessete teriam alcançado o último grau daquele ciclo iniciático. O relato acrescenta que alguns desses antigos discípulos teriam posteriormente reencarnado em diferentes partes do mundo, inclusive no Brasil.

Há uma passagem particularmente interessante nesse relato. Segundo Hercílio Maes, alguns desses antigos discípulos reconheceriam Ramatís por uma espécie de familiaridade espiritual difícil de explicar racionalmente: uma emoção profunda, uma

saudade aparentemente sem origem nesta existência. Quando tive contato com essa narrativa, algo dentro de mim encontrou ressonância.

Em determinado momento cheguei a pensar: *“provavelmente fui um dos setenta e dois discípulos”*. Hoje prefiro formular isso de outra maneira. Não posso afirmar que tenha sido um deles. Não possuo elementos objetivos que permitam transformar uma percepção íntima em certeza histórica ou espiritual. Mas posso reconhecer que existe em mim uma profunda sensação de familiaridade com Ramatís, com seus ensinamentos e, principalmente, com aquilo que compreendo como sendo sua proposta de trabalho.

Talvez seja reencontro. Talvez seja afinidade. Talvez seja simplesmente uma identificação profunda construída nesta própria existência. Não sei. E, com o passar dos anos, descobri que talvez não seja necessário saber.

Porque a pergunta mais importante deixou de ser “quem eu fui?” e passou a ser: “o que estou fazendo agora com aquilo que recebi?”

Antes de conhecer Ramatís, talvez eu já estivesse procurando

Desde pequeno fui tímido, observador e pensativo. Gostava de estudar e tinha curiosidade por assuntos muito diferentes. No sítio onde morava, vivenciei algumas experiências que interpretava como espirituais; também eram recorrentes sonhos e imagens envolvendo estrelas, naves espaciais e até estruturas subterrâneas capazes de sustentar a vida durante longos períodos sem contato com a superfície.

Naquele momento eu não possuía conhecimentos suficientes para compreender essas experiências. E talvez nem hoje consiga compreendê-las completamente. A vida, entretanto, continuou. Vieram

responsabilidades, dificuldades familiares, casamento, três filhos, trabalho, faculdade e os desafios próprios da existência material. Houve períodos em que precisei trabalhar em dois lugares enquanto estudava.

Nesse período, também frequentava a casa de um senhor que recebia uma entidade apresentada como um caboclo e que nos oferecia atendimento e orientação espiritual. Minha vida espiritual não começou, portanto, quando conheci os livros de Ramatís: quando esses livros chegaram, já existia uma caminhada. O que ainda não existia era uma compreensão mais ampla sobre para onde aquela caminhada poderia me conduzir.



No sítio da infância — sonhos recorrentes de estrelas, naves e mundos distantes

O trabalho veio antes das respostas

Depois de minha separação e de alguns anos de mudanças pessoais, conheci Maria. Por intermédio dela e de uma amiga, por volta do ano 2000 chegamos ao Centro Espírita Auta de Souza. Durante um atendimento fui encaminhado para trabalhar em um grupo de desobsessão como sustentador. Começava ali uma etapa muito importante de minha formação.

Com o tempo, participei de diversos trabalhos sociais. Atendíamos mães em situação de vulnerabilidade, visitávamos asilos, orfanatos e o hospital de hansenianos de Pirapitingui. Depois fui convidado a liderar um novo grupo de desobsessão e, paralelamente, comecei a trabalhar na formação de novos trabalhadores, participando do curso de desenvolvimento mediúnico.

Percebo hoje algo que naquela época talvez não estivesse tão claro para mim: minha formação espiritual estava acontecendo pelo trabalho. Eu poderia estudar livros, conhecer teorias, discutir mediunidade e buscar explicações sobre o mundo espiritual. Mas havia outra escola funcionando silenciosamente. Era a escola do serviço. E nela as lições eram diferentes.

Aprender a conviver. Aprender a ouvir. Aprender a coordenar pessoas diferentes. Aprender a lidar com conflitos. Aprender que nem sempre aquilo que desejamos acontece como imaginamos. Aprender que ajudar alguém exige muito mais do que boa intenção. E, principalmente, aprender que espiritualidade sem alguma forma de transformação prática corre o risco de permanecer apenas no campo das ideias.

*Havia outra escola funcionando
silenciosamente: a escola do serviço.*

A Apometria e a abertura para o universalismo

Foi nesse período que conheci Sérgio Uehara. Por sua indicação, tivemos contato com um curso de Apometria ministrado pelo senhor Francisco, em uma instituição localizada no Campo Belo, conhecida como GAFA (Grupo de Apoio Francisco de Assis). Começamos então a estudar e trabalhar com Apometria. Posteriormente, em 2008, quando o senhor Francisco passou a ensinar Apometria a um grupo de trabalhadores da Associação Espírita Jacob, fomos convidados a participar das atividades e também a realizar atendimentos naquela instituição.

Também em 2008, minha esposa Maria começou sua segunda graduação, em Pedagogia, fortemente intuída pela visão integral na educação, estudando Sathya Sai Baba (Educação em Valores Humanos), Dora Incontri (educação segundo o espiritismo), Rudolf Steiner (Pedagogia Waldorf), Emmi Pikler (movimento autônomo e livre da criança) e Maria Montessori (autonomia e

ritmo natural da criança). Seu trabalho de conclusão de curso, cujo desenvolvimento acompanhei de perto, mostrava mais uma vez a inspiração de Ramatís, que mais tarde se tornaria realidade na abertura da ARCAS e da ARCAS Educação.

Esse período foi importante porque minha visão espiritual começou progressivamente a ultrapassar fronteiras doutrinárias muito rígidas. A própria trajetória descrita nas obras atribuídas a Ramatís aponta justamente para uma proposta de integração: o material sobre ele destaca seu universalismo e a aproximação entre tradições espirituais orientais e ocidentais, colocando o Evangelho de Jesus como uma importante referência ética dessa proposta.

Naquele momento, porém, eu ainda não percebia claramente a relação entre o que estava vivendo e aquilo que posteriormente encontraria nas obras de Ramatís. Eu estava simplesmente caminhando.

Algumas portas precisam se fechar

Nossa trajetória no Auta de Souza chegou a um momento de ruptura. Fomos chamados pela direção e colocados diante da necessidade de escolher entre determinadas atividades e instituições. A consequência foi nossa saída da Casa. Outras pessoas também começaram a procurar novos espaços de trabalho.

Passamos então por uma fase bastante peculiar. Realizávamos trabalhos itinerantes, íamos às casas das pessoas, fazíamos atendimentos e utilizávamos espaços cedidos por outras instituições. Até que conseguimos estruturar o NEUTRA. Inicialmente havia praticamente duas equipes, uma com concepções mais ortodoxas de Apometria e outra com uma visão mais universalista.

Mas o trabalho não ficou restrito aos tratamentos espirituais. Voltamos a desenvolver assistência às mães, visitas a asilos, orfanatos e ao hospital de Pirapitingui. Desenvolvemos atividades com crianças, evangelização, bazar e livraria. Mais uma vez, sem perceber completamente, o modelo de Casa espiritual que posteriormente procuraríamos construir já estava sendo experimentado.

Tratamento espiritual e assistência social. Conhecimento e serviço. Estudo e convivência. Crianças e adultos. Espiritualidade e necessidades materiais. As peças começavam a se aproximar. Mas ainda faltava alguma coisa.

2013: quando Ramatís ganhou um nome em minha caminhada

No final de 2013 ocorreu outra ruptura. Embora nunca tivesse desejado assumir a presidência daquela instituição, em uma reunião de diretoria fui novamente convidado a me retirar. Minha primeira reação não foi criar outra Casa. Pelo contrário. Eu não queria assumir outro compromisso institucional. Já conhecia as dificuldades. Sabia o peso administrativo, financeiro, humano e espiritual envolvido na manutenção de uma instituição.

Mas foi justamente naquele período que alguma coisa começou a mudar. Em 2013, por meio dos grupos de estudos, tivemos contato mais intenso com duas obras atribuídas a Ramatís por intermédio de Hercílio Maes: *O Sublime Peregrino* e *Fisiologia da Alma*.

A primeira integra o conjunto das obras atribuídas a Ramatís por Hercílio Maes e aborda a trajetória e os ensinamentos de Jesus. *Fisiologia da Alma*, cuja primeira edição é registrada em 1959 no material consultado, desenvolve questões relacionadas à relação entre espírito, comportamento e saúde dentro da perspectiva espiritual apresentada pelo autor.

Mais importante do que concordar com cada afirmação presente naquelas obras foi perceber a amplitude da proposta que se apresentava. Algo me era profundamente familiar. Talvez porque eu já estivesse procurando exatamente aquilo sem saber como denominá-lo: universalismo.

A espiritualidade não deveria construir novas paredes

Talvez uma das ideias que mais me aproximaram de Ramatís tenha sido justamente a compreensão de que nenhuma tradição espiritual possui, isoladamente, toda a verdade. O material que reúne informações sobre sua proposta apresenta, como uma de suas características, a tentativa de aproximar conhecimentos espirituais do Oriente e do Ocidente e de reconhecer diferentes caminhos religiosos como instrumentos do desenvolvimento humano.

Isso dialogava diretamente com aquilo que eu havia vivido. Eu tinha passado por experiências espíritas. Conhecido a mediunidade. Trabalhado com desobsessão. Estudado Apometria. Participado de assistência social. Conhecido pessoas provenientes de diferentes formações espirituais.

E percebia cada vez mais que, se a espiritualidade pretendesse realmente aproximar o ser humano de Deus, ela não poderia servir apenas para construir novas fronteiras entre as pessoas. Talvez esse tenha sido um dos primeiros ensinamentos que reconheci profundamente na proposta de Ramatís: as diferenças podem ser caminhos

de aprendizado, e não necessariamente motivos de separação.

O nascimento de uma ideia

Foi nesse contexto que acordei um dia com uma intuição muito forte. Precisávamos criar uma nova Casa. E essa Casa deveria nascer sob uma proposta diferente. Não deveria ser simplesmente mais um centro destinado exclusivamente aos tratamentos espirituais. Precisávamos pensar no ser humano integralmente.

Corpo. Mente. Espírito. Família. Educação. Trabalho. Convivência. Assistência social. Conhecimento. Espiritualidade.

Começava a tomar forma aquilo que posteriormente seria a ARCAS. No dia 4 de janeiro de 2014, reunimos aproximadamente trinta pessoas para conversar sobre o projeto. Poucos dias depois, em 11 de janeiro de 2014, realizamos uma reunião aberta de apresentação da proposta, com aproximadamente 150 pessoas presentes.

Naquele momento tínhamos muito mais sonhos do que recursos. Mas talvez seja assim que muitas obras comecem. Primeiro existe uma ideia. Depois algumas pessoas acreditam nela. E então essas pessoas começam a trabalhar.

*As diferenças podem ser caminhos de aprendizado,
e não necessariamente motivos de separação.*

Saúde, Equilíbrio e Harmonia

Quando observo hoje o projeto concebido naquela época, encontro algo que continua me chamando a atenção. Sua estrutura estava organizada em três grandes dimensões.

Saúde

Cuidados físicos, médicos, odontológicos, nutricionais, fisioterápicos e terapias alternativas.

Equilíbrio

Aspectos mentais, espirituais, psicológicos, sociais e psicopedagógicos, incluindo psicoterapia, mediação de conflitos, inclusão social, tratamento de dependências, Apometria, energização e passes.

Harmonia

Convivência, educação, oficinas, profissionalização, palestras, eventos, assistência jurídica, assistência social e orientação econômica.

No centro de tudo estava a família e o assistido. Olhando retrospectivamente, percebo como aquela estrutura representava uma tentativa de compreender o ser humano integral. Não queríamos apenas perguntar: *“qual é o problema espiritual desta pessoa?”*. Queríamos aprender a perguntar: *“do que esta pessoa precisa?”*.

Talvez necessitasse de tratamento espiritual. Talvez estivesse com fome. Talvez precisasse estudar. Talvez necessitasse de orientação. Talvez seu filho precisasse de educação. Talvez estivesse desempregada. Talvez precisasse apenas encontrar alguém disposto a ouvi-la.

Essa mudança de pergunta transforma completamente uma instituição.

Quando a intuição precisa encontrar mãos

Muitas pessoas começaram a acreditar no projeto e a nos auxiliar. Com contribuições de voluntários conseguimos alugar uma casa na Avenida Senador Casemiro da Rocha, 262. Fizemos reformas, organizamos espaços. E começamos. A Casa foi crescendo: os atendimentos, as palestras, os cursos, o bazar, a livraria, a cantina, as festas, o atendimento às mães, as atividades com crianças, as visitas aos asilos e orfanatos.

Mas há algo que considero importante registrar: nenhuma dessas coisas foi realizada por uma única pessoa. Uma instituição espiritual não é construída apenas por seus dirigentes ou por aqueles que aparecem

diante do público. Ela é construída por muitas mãos: por quem chega antes, por quem limpa, por quem organiza uma cadeira, por quem prepara um café, por quem separa uma cesta, por quem atende uma família, por quem recebe alguém na porta, por quem estuda durante anos para poder ajudar e por quem trabalha silenciosamente e muitas vezes vai embora sem que ninguém sequer saiba seu nome.

Com o tempo compreendi que talvez a espiritualidade se manifeste muito mais nesses pequenos gestos do que nos acontecimentos extraordinários que tantas vezes procuramos.



Uma obra que se constrói por muitas mãos — servindo, acolhendo, recomeçando

2020, e uma Casa maior

Então chegou 2020. A pandemia fechou portas no mundo inteiro. Também tivemos medo, também tivemos dúvidas, também não sabíamos exatamente o que aconteceria. Mas a ARCAS não interrompeu suas atividades espirituais: os tratamentos passaram a ocorrer também a distância, as palestras e os cursos foram intensificados no ambiente on-line e a assistência social cresceu enormemente. Chegamos a distribuir aproximadamente mil cestas básicas por mês, além de outras formas de assistência.

Aquele período me ensinou uma coisa importante: é relativamente fácil falar sobre fé quando tudo está funcionando; é mais difícil quando não sabemos o que acontecerá amanhã. Foi também naquele contexto que recebemos a informação de que o imóvel utilizado pela instituição seria vendido e precisaríamos deixá-lo. Outra vez uma porta estava se fechando. E outra vez precisávamos decidir se aquilo representava o final de alguma coisa ou o início de uma nova etapa.

Em janeiro de 2021 fomos para uma nova sede, maior, e as atividades puderam crescer.

Em determinado momento tornou-se necessário alugar outro imóvel menor para servir de depósito para o bazar e também apoiar a preparação de lanches e marmitas destinados às pessoas em situação de rua. Mas havia uma parte do antigo projeto que continuava aguardando: a educação. Em dezembro de 2021 avançamos mais uma etapa e estruturamos uma escola sem fins lucrativos destinada ao atendimento de crianças.

Quando observo novamente aquele projeto desenhado em 2014 e comparo com aquilo que progressivamente foi sendo realizado, percebo que muitas das ideias que pareciam distantes começaram a encontrar formas concretas de existência. Ainda há coisas por realizar. O projeto original também imaginava atendimentos médicos, psicológicos e odontológicos gratuitos em uma estrutura mais ampla. Ainda não conseguimos materializar tudo. E talvez isso seja bom, porque nos recorda permanentemente de que uma obra espiritual não está pronta.

Ramatís, a ARCAS e o Jacob — mas onde está Ramatís?

Existe ainda outro aspecto dessa história que considero importante. A Associação Espírita Jacob também passou por momentos bastante difíceis; durante determinado período, especialmente em torno da pandemia, houve risco de redução significativa de suas atividades. Entretanto, conseguimos manter ali uma atividade de Apometria às quintas-feiras, no período da tarde. Na minha percepção espiritual, aquele trabalho foi sustentado também pela egrégora ligada a Ramatís. Com o tempo, após mudanças de direção e reorganizações internas, o Jacob conseguiu recuperar diversas atividades, incluindo atendimentos, cursos e palestras presenciais e on-line.

Não apresento essa percepção como algo que possa ser comprovado materialmente: é meu testemunho, minha maneira de interpretar espiritualmente aquilo que vivenciei. E considero importante fazer essa distinção. Não preciso convencer ninguém de que Ramatís estava ali; posso apenas dizer que, em diferentes momentos, senti sua presença

e reconheci sua influência na orientação dos trabalhos.

Depois de tantos anos, a pergunta “onde está Ramatís?” tornou-se diferente para mim. Estava na intuição que levou à criação da ARCAS? Nos livros que chegaram em determinado momento? Nos trabalhos espirituais? Nas experiências mediúnicas? Na sustentação que tantas vezes sentimos? Possivelmente. Mas hoje penso que existe outra resposta.

Se um ensinamento sobre amor não me torna mais capaz de amar, ele ainda não foi aprendido. Se um ensinamento sobre universalismo me torna intolerante com a religião do outro, eu não compreendi o universalismo. Se estudar espiritualidade me faz sentir superior a alguém, provavelmente transformei conhecimento em vaidade. Se acredito em evolução espiritual, mas permaneço indiferente ao sofrimento de quem está ao meu lado, ainda existe uma enorme distância entre aquilo que estudo e aquilo que sou.

Talvez Ramatís esteja, principalmente, naquilo que seus ensinamentos conseguem produzir em nós.

O mestre não realiza o trabalho do discípulo

Talvez o verdadeiro contato com um mestre comece justamente nesse ponto: quando deixamos de perguntar apenas “ele está perto de mim?” e começamos a perguntar “estou vivendo alguma coisa daquilo que ele procura ensinar?”.

Há uma tentação muito humana de imaginar os mentores espirituais como solucionadores de nossos problemas. Pedimos proteção, pedimos respostas, pedimos caminhos, pedimos sinais, pedimos que as dificuldades desapareçam. Minha experiência tem mostrado algo diferente: os verdadeiros orientadores talvez não retirem as pedras do caminho. Talvez nos ensinem a caminhar entre elas. Não impedem necessariamente as rupturas; ajudam-nos a aprender com elas. Não constroem nossas instituições: inspiram pessoas, mas são as mãos humanas que precisam carregar cadeiras, pagar contas, organizar atividades, estudar, atender,

administrar conflitos e começar novamente no dia seguinte.

Não fazem, tampouco, nossa reforma íntima. Podem nos mostrar o espelho. Mas olhar para ele continua sendo responsabilidade nossa. Foi assim que comecei a compreender Ramatís: menos como uma presença destinada a resolver minha existência e mais como uma consciência que me recorda da responsabilidade de vivê-la melhor.

Os setenta e dois discípulos

Volto então à história que mencionei no início: os setenta e dois discípulos. Durante algum tempo, a possibilidade de ter pertencido àquele grupo me despertou grande curiosidade. Hoje ela perdeu importância. Não porque eu tenha deixado de considerar essa possibilidade, mas porque compreendi que saber quem fomos não nos torna automaticamente melhores naquilo que somos.

O discípulo que ainda está aprendendo

De que adiantaria descobrir que fui discípulo de um grande mestre há mil anos se hoje não consigo praticar seus ensinamentos? De que serviria ter participado de um antigo templo se hoje não consigo transformar minha própria consciência em um lugar de paz? De que serviria ter recebido uma “túnica azul” no passado se ainda não aprendi a vestir-me de humildade no presente? Talvez eu tenha estado lá. Talvez não. Um dia poderei descobrir. Ou talvez essa resposta simplesmente não seja necessária, porque existe uma pergunta muito mais urgente: **sou capaz de ser discípulo agora?**

Depois de tudo aquilo que vivi, continuo tendo muito mais perguntas do que respostas. Continuo errando, continuo precisando rever comportamentos, continuo aprendendo a lidar com pessoas, continuo descobrindo limitações que preferiria não possuir, continuo tendo momentos de cansaço, continuo precisando aprender a

ouvir e continuo tentando compreender melhor aquilo que significa servir. Talvez por isso uma expressão que escrevi quase como uma brincadeira tenha adquirido, com o tempo, um significado muito maior para mim: sou apenas um estagiário de discípulo de Ramatís.

Gosto dessa expressão porque ela me impede de transformar uma possível proximidade espiritual em título. Não sou proprietário de Ramatís. A ARCAS não é proprietária de Ramatís. Nenhuma instituição deveria imaginar-se proprietária de um espírito ou de uma verdade. Se existe alguma legitimidade em dizer que seguimos determinado mestre, ela precisa ser encontrada naquilo que fazemos. Não no nome colocado em uma parede, não no símbolo, não em uma fotografia, não apenas nos livros que possuímos, mas na maneira como tratamos as pessoas.

Sou apenas um estagiário de discípulo de Ramatís.

Reconhecer um mestre

Hoje, quando penso em meu contato com Ramatís, não consigo indicar apenas uma data. Talvez tenha começado em 2013. Talvez em 2008. Talvez quando comecei os trabalhos de desobsessão. Talvez na infância. Talvez, como sugere aquela antiga narrativa que tanto me emociona, muito antes desta existência. Não sei. Mas talvez reconhecer um mestre não signifique lembrar exatamente onde o conhecemos. Talvez signifique reconhecer o caminho para o qual ele aponta. E o caminho que consigo enxergar é relativamente simples, embora extremamente difícil de percorrer: *estudar sem acreditar que sabemos tudo. Servir sem esperar reconhecimento. Respeitar os diferentes caminhos que conduzem ao desenvolvimento espiritual. Transformar conhecimento em comportamento. Compreender o ser humano integralmente. Reconhecer nossas imperfeições sem utilizá-las como desculpa para permanecer onde estamos. E continuar trabalhando.*

Ramatís me traz paz. Traz tranquilidade. Esperança. E uma profunda confiança de que existe sentido naquilo que estamos construindo. Mas essa confiança não significa acreditar que tudo acontecerá simplesmente porque contamos com auxílio espiritual. Ao

contrário. Significa compreender que, se recebemos oportunidades, temos responsabilidade diante delas.

Ainda existe muito a realizar. Muito a aprender. Muito a corrigir. Muito a construir. E enquanto houver alguém precisando de auxílio, uma criança precisando aprender, uma família precisando ser acolhida, uma consciência procurando esclarecimento ou simplesmente uma pessoa necessitando ser ouvida, haverá trabalho.

Talvez seja justamente isso que Ramatís tenha tentado me ensinar durante todos esses anos: espiritualidade não é apenas aquilo que conseguimos perceber do Alto. É aquilo que conseguimos realizar aqui embaixo a partir dessa inspiração.

Se Ramatís esteve comigo em diferentes momentos dessa caminhada, como acredito que esteve, minha gratidão não pode estar somente nas palavras que escrevo sobre ele. Precisa estar na responsabilidade de continuar. Continuar estudando. Continuar servindo. Continuar aprendendo. Continuar tentando. E, principalmente, continuar reconhecendo que ainda estou apenas no começo.

Espiritualidade não é apenas aquilo que conseguimos perceber do Alto. É aquilo que conseguimos realizar aqui embaixo a partir dessa inspiração.

Gratidão pela caminhada

Por isso, depois de tantos anos, talvez eu possa finalmente responder qual é minha relação com Ramatís. Não sei se fui um de seus setenta e dois discípulos. Não sei quantas vezes nossos caminhos podem ter se encontrado. E já não considero essas respostas indispensáveis. Se puder aprender alguma coisa com seus ensinamentos e transformar uma pequena parte desse aprendizado em benefício de alguém, isso já será muito.

Continuarei, portanto, como me reconheço hoje: um simples estagiário de discípulo de Ramatís.

E agradeço profundamente pela oportunidade. Pela inspiração. Pelo caminho.

Pelas pessoas que foram colocadas ao meu lado. Pelas portas que se abriram. E até por aquelas que precisaram se fechar. Acima de tudo, agradeço por ele ainda não ter desistido de mim.

Porque talvez o maior privilégio de caminhar ao lado de um mestre não seja poder dizer: “Eu o conheço.” Mas chegar ao final desta existência podendo, com humildade, olhar para tudo aquilo que fizemos e dizer: “Eu procurei compreender seus ensinamentos. E tentei transformá-los em serviço.”

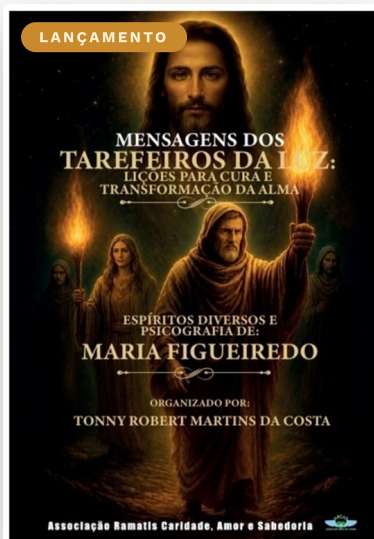
Ramatís, gratidão pela caminhada. Seguimos trabalhando.



Gratidão pela oportunidade, pela inspiração e pelo caminho

Leituras recomendadas

Em comemoração aos doze anos da Casa, a Editora Arcas Ramatís apresenta seus lançamentos — obras nascidas do estudo e do trabalho realizados na instituição.



Mensagens dos Tarefeiros da Luz

Lições para Cura e Transformação da Alma · Maria Figueiredo · Editora Arcas Ramatís

Em comemoração aos 12 anos da Casa, a Editora Arcas Ramatís lançou o livro *Mensagens dos Tarefeiros da Luz — Lições para Cura e Transformação da Alma*, de Maria Figueiredo.

A obra reúne uma coletânea de mensagens de diversos espíritos desencarnados, que compartilham suas experiências, relatam como se encontram no plano espiritual e nos trazem importantes lições de vida.

É uma excelente oportunidade para reavaliarmos nossos pensamentos, sentimentos e ações e refletirmos sobre aquilo que estamos fazendo para nos aproximar — ou nos distanciar — da nossa evolução espiritual.

O livro também nos deixa o coração acalentado, pois nos traz a certeza de que ninguém está esquecido pelo Pai. Mesmo depois de nos desviarmos do caminho, Ele coloca irmãos para nos socorrer, nos ensinar e, ainda, nos oferece a oportunidade de servir ao próximo. Prepare-se para se emocionar com as histórias narradas e para mergulhar em uma profunda reflexão sobre as lições deixadas em cada mensagem.

*Que fique bem gravado em nós: ainda é tempo de amar,
ainda é tempo de servir e ainda é tempo de se transformar.*

Coleção: Apometria e os Tratamentos Espirituais e Dimensionais

Apresentação da Coleção · Tonny Robert Martins da Costa · cinco volumes

Em 2025, com o propósito de levar conhecimento ao maior número de pessoas, a Casa inaugurou a Editora Arcas Ramatis. Como primeiro lançamento, apresentou uma coletânea com cinco volumes escritos por Tonny Robert, que abordam temas como apometria, obsessões, doenças espirituais e outros assuntos estudados e trabalhados na Casa.

Ao longo da coleção, o autor compartilha conhecimentos que ajudam o leitor a

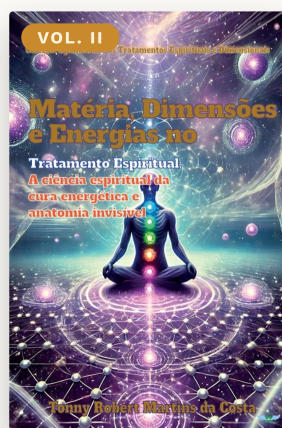
compreender melhor a complexidade do mundo espiritual e os princípios que norteiam os tratamentos realizados na instituição.

Mais do que transmitir informações, esta obra convida à reflexão e ao aprendizado, sendo uma excelente oportunidade para quem deseja aprofundar seus conhecimentos sobre espiritualidade, ampliar a compreensão da vida e conhecer mais de perto o trabalho desenvolvido pela Arcas.

Os cinco volumes



Fundamentos da Apometria e Processos Obsessivos



Matéria, Dimensões e Energias no Tratamento Espiritual



Corpos Espirituais e Estruturas Cósmicas



Consciência, Psicologia Espiritual e Doenças da Alma



Técnicas Apométricas Avançadas e Práticas de Cura

Disponíveis na Livraria da Casa e nos eventos · Editora Arcas Ramatis

Alimentação vegetariana: saúde, consciência e equilíbrio

Cada vez mais pessoas têm escolhido reduzir ou retirar os alimentos de origem animal de sua alimentação. Segundo pesquisa do IBOPE Inteligência de abril de 2018, 14% da população brasileira se declara vegetariana. Um crescimento de 75% em relação a 2012.

As razões são diversas: saúde, ética, sustentabilidade, espiritualidade ou simplesmente o desejo de experimentar uma forma diferente de se relacionar com a comida. Independentemente da motivação, uma alimentação vegetariana bem planejada pode ser completa, equilibrada e muito nutritiva. Ser vegetariano não significa apenas retirar a carne do prato, mas aprender a fazer escolhas e garantir variedade alimentar.

De acordo com os alimentos de origem animal que são ou não consumidos, existem diferentes tipos de vegetarianismo:

Ovolactovegetariano — ovos, leite e derivados

Lactovegetariano — leite e derivados

Ovovegetariano — ovos

Vegetariano estrito — nenhum alimento de origem animal

Vegano — alimentação e escolhas de vida que buscam evitar a exploração animal

Vegetarianismo e saúde

Quando bem planejada, uma alimentação baseada em vegetais pode oferecer fibras, vitaminas, minerais, antioxidantes e proteínas. Feijões, lentilhas, ervilhas, grão-de-bico, soja e seus derivados são importantes fontes de proteína vegetal; verduras, legumes, frutas, sementes e oleaginosas ampliam a variedade. O segredo está na variedade, no equilíbrio e na combinação adequada dos alimentos. Retirar as carnes e substituí-las por produtos ultraprocessados não torna a alimentação equilibrada.

E os nutrientes?

B12, ferro, cálcio, proteínas, zinco e ômega 3: esses nutrientes merecem atenção especial e serão tema das próximas edições. A cada mês conversaremos sobre estratégias para evitar carências e escolhas práticas para o dia a dia. E, sempre, uma receita vegetariana para colocar este conhecimento em prática.

Como montar um prato vegetariano equilibrado

Uma divisão prática, baseada nas orientações da Sociedade Vegetariana Brasileira (SVB), ajuda a visualizar a composição da refeição: metade do prato com verduras e legumes, um quarto com cereais e outros alimentos fontes de carboidratos e um quarto com leguminosas. Uma fruta pode completar a refeição.

PRATO VEGETARIANO EQUILIBRADO

Simple, variado e completo todos os dias

Baseado nas orientações da Sociedade Vegetariana Brasileira (SVB) para uma alimentação vegetariana saudável.



50%

VERDURAS E LEGUMES

Preencha metade do prato com uma grande variedade de verduras e legumes. Quanto mais cores, melhor!

Exemplos
folhas verdes, tomate, cenoura, brócolis, abóbora, berinjela, beterraba, abobrinha, repolho, vagem, pimentão, rúcula, entre outros.

25%

CEREAIS

Dedique um quarto do prato aos cereais e outros alimentos fonte de carboidratos preferencialmente integrais.

Exemplos
arroz integral, quinoa, milho, batata, mandioca, aveia, trigo, entre outros.

25%

LEGUMINOSAS

Reserve um quarto do prato para as leguminosas, fontes de proteínas vegetais, fibras e minerais.

Exemplos
feijão, lentilha, grão-de-bico, ervilha, soja, fava, entre outras.

FRUTA

Inclua uma fruta como sobremesa ou nos lanches. Prefira frutas da época e locais.



BEBA ÁGUA!

A hidratação é essencial. Tenha água ao longo do dia.



Alimentação vegetariana é mais do que excluir carnes: é incluir variedade, equilíbrio e escolhas conscientes.

Fonte: Sociedade Vegetariana Brasileira (SVB) svb.org.br

SVB Sociedade Vegetariana Brasileira

Prato Vegetariano Equilibrado — simples, variado e completo todos os dias · Fonte: Sociedade Vegetariana Brasileira (svb.org.br)

Fernanda Tinel

Nutricionista · conteúdo baseado em materiais da Sociedade Vegetariana Brasileira (SVB)

Para ver, ouvir e conferir

Indicações da equipe para este mês — cinema, cinema de família e teatro.

LANÇAMENTO · CINEMA

Nosso Lar 3: Vida Eterna

Estreia 21 de janeiro de 2027 ·
direção e roteiro de Wagner de
Assis

Nosso Lar 3: Vida Eterna estreia oficialmente nos cinemas em 21 de janeiro de 2027. Dirigido e roteirizado por Wagner de Assis, o longa é baseado no livro *Obreiros da Vida Eterna*, psicografado por Chico Xavier pelo espírito André Luiz. A trama foca em uma intensa missão de socorro e resgate espiritual nas zonas umbralinas. A história acompanha Zenóbia, líder de uma casa espiritual no Umbral, que enfrenta os abismos mais sombrios para salvar Domênico, seu antigo amor e alma gêmea. Impedidos de viver um romance na juventude terrena, reencontram-se em lados opostos do plano espiritual: ela como socorrista, ele como chefe de um grupo de espíritos nas trevas. O tema central aborda o perdão extremo e o amor incondicional que atravessa diferentes dimensões.

FILME · FAMÍLIA

Viva — A Vida é uma Festa

Classificação livre · 2018 ·
animação

Um filme de 2018. Em *Viva — A Vida é uma Festa*, Miguel é um menino de 12 anos que quer muito ser um músico famoso, mas precisa lidar com sua família, que desaprova seu sonho. Determinado a virar o jogo, ele acaba desencadeando uma série de eventos ligados a um mistério de 100 anos. A aventura, com inspiração no feriado mexicano do Dia dos Mortos, acaba gerando uma extraordinária reunião familiar.

TEATRO

Allan Kardec — Um Olhar para a Eternidade

Teatro UNICID · Av. Imperatriz
Leopoldina, 550 — Vila
Leopoldina · 13 de setembro
(domingo)

Uma intrigante história de amor, dedicação, superação e liberdade que nos revela um homem e sua esposa em busca de respostas, acima de todos os interesses, deixando para a humanidade as revelações sobre as verdadeiras Leis da Vida! Em meio a guerras e ditaduras, a Europa do século XIX é marcada pela história de um cientista, cujo interesse em desvendar o que havia por trás dos fenômenos das mesas girantes o despertou para uma nova ciência. Sucesso de público nos teatros do Brasil, o espetáculo já realizou mais de mil apresentações, com mais de meio milhão de espectadores.

Quando o corpo fala

A relação entre as emoções e o corpo físico — saúde, emoções e espiritualidade caminham juntas.

Você já deve ter sentido o coração acelerar diante de uma notícia. Ou uma dor de cabeça depois de passar por uma situação de estresse. E aquele frio na barriga diante do medo de algo novo? O nosso corpo dá sinais o tempo todo e de várias formas. Precisamos estar atentos a eles e buscar compreender o que pode estar acontecendo conosco.

A saúde física, mental e espiritual estão interligadas. Quando conseguimos enxergar o ser humano de forma mais ampla, entendendo que não somos apenas um corpo físico, o cuidado também passa a ter outra dimensão. Durante uma crise de ansiedade, por exemplo, nosso cérebro interpreta que estamos diante de uma ameaça e ativa mecanismos de defesa: os batimentos cardíacos aceleram, a respiração muda, podemos suar, sentir tremores, formigamentos, falta de ar, aperto no peito e uma sensação intensa de que algo ruim está acontecendo.

Muitas vezes, corremos ao pronto-socorro achando que estamos infartando e, depois de afastadas as causas físicas, ouvimos: “é ansiedade”. Mas não deveria existir um “é só ansiedade”. O sofrimento é real e os sintomas também. E, além de tratar aquela crise, talvez seja importante perguntar: o que está por trás dela?



A ligação e o equilíbrio entre saúde, emoções e espiritualidade

Um olhar mais inteiro sobre o adoecimento

Existem traumas? Dificuldades financeiras? Medo de mudanças? Problemas familiares? Sobrecarga? Ou talvez não exista uma causa evidente naquele momento? A medicina e a psicologia nos ajudam a compreender e tratar muitos desses fatores. Mas, dentro da visão espiritualista e apométrica, podemos ampliar ainda mais esse olhar.

Na apometria, entendemos o ser humano como formado não apenas pelo corpo físico, mas também por outros corpos ou níveis de manifestação, como o mental inferior, o corpo astral e o duplo etérico, que tem a ligação mais próxima com o corpo físico. Ou seja, as doenças se iniciam justamente no mental inferior, refletindo então no corpo astral, através das nossas emoções, e se manifestando no nosso corpo físico. Por isso, uma crise de ansiedade não precisa ser observada apenas pelos sintomas físicos ou emocionais: no atendimento apométrico, buscamos compreender também aquilo que pode estar acontecendo nos corpos espirituais e energéticos daquela pessoa.

Em alguns casos, essas alterações podem estar relacionadas a experiências da vida atual; em outros, a vivências de existências anteriores, compromissos reencarnatórios ou questões ligadas à própria sensibilidade mediúnica. Isso não significa abandonar ou substituir o tratamento médico. Pelo contrário. O corpo físico precisa ser investigado e cuidado adequadamente, assim como nossa saúde mental. A proposta é ampliar esse cuidado e incluir também a dimensão espiritual.

Quando buscamos o equilíbrio espiritual, praticamos a reforma íntima, exercitamos o

“orai e vigiai”, cultivamos o amor, o perdão e a caridade, também estamos cuidando de nossos pensamentos, sentimentos e atitudes. Da mesma forma, emoções e comportamentos como orgulho, vaidade, ciúme, raiva ou ganância podem ser um convite ao autoconhecimento. Aquilo que alimentamos internamente também repercute nos nossos corpos sutis e pode gerar desequilíbrios que precisam ser trabalhados.

Isso não significa que uma pessoa adoeceu porque “não teve fé”, porque sentiu raiva ou porque não soube perdoar. O adoecimento não deve ser visto como punição. A espiritualidade deve ser um caminho de compreensão, acolhimento e transformação, e não de culpa. A antiga expressão “mente sã, corpo são” continua nos convidando a refletir sobre a importância desse equilíbrio.

Por isso, não devemos estar atentos apenas aos sinais que o nosso corpo físico apresenta. Devemos também nos perguntar: como estão nossas emoções? Nossos pensamentos? Nossas relações? E a nossa vida espiritual? Nem todo sintoma terá uma explicação simples, e nem sempre compreenderemos todas as causas de um adoecimento. Mas podemos escolher olhar para nós mesmos de forma mais inteira.

E talvez, ao buscarmos viver os ensinamentos deixados pelo nosso Mestre Jesus — através do amor, da caridade, do perdão e do cuidado com o próximo — estejamos também aprendendo a cuidar, de maneira mais profunda, de nós mesmos.

Taciana G. Bechara · Médica

Caminhando pelas abordagens educacionais

Iniciei meus estudos na área da educação movida pelo desejo de conhecer propostas diferenciadas. Ao percorrer diferentes abordagens, percebi que esse desejo não era utópico e que existem caminhos educacionais que ultrapassam os modelos tradicionais, buscando compreender o ser humano de maneira mais ampla.

Minha caminhada começou pela **Visão Holística da Educação**, que considera o ser humano integralmente, contemplando suas dimensões física, mental, emocional, social, criativa, intuitiva e espiritual. O conceito de holismo, derivado do grego *holon*, relaciona-se à ideia de totalidade, entendendo que o todo não pode ser reduzido à simples soma de suas partes.

Segundo Yus (2002), a educação holística procura considerar a personalidade global da criança e superar uma educação restrita ao desenvolvimento intelectual. Nessa perspectiva, a educação busca estabelecer novas relações do ser humano consigo mesmo, com o outro, com a sociedade, com a natureza e com o mundo. Essa visão aproxima-se dos quatro pilares apresentados no relatório da Comissão Internacional sobre Educação para o Século XXI, coordenado por

Jacques Delors: aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a ser e aprender a viver juntos (UNESCO, 1996).

Dentro dessa perspectiva, busca-se formar um ser humano ativo e autodeterminado, pacífico, solidário, autoconsciente, intuitivo, amoroso, sensível, criativo e aberto à dimensão espiritual. A Visão Holística contribui, assim, para perceber o aluno como um ser integral, valorizar a convivência, desenvolver experiências coletivas e reconhecer a importância das relações humanas e das coisas simples da vida.

Educação em Valores Humanos

Em seguida, conheci o Programa de Educação em Valores Humanos (PEVH), criado por Sri Sathya Sai Baba, cuja proposta coloca os valores humanos como fundamento da ação educativa. O programa estrutura-se em cinco valores principais: Amor, Paz, Ação Correta, Não-Violência e Verdade, integrando conceitos, procedimentos e atitudes às diferentes áreas da educação. Para Martinelli (1999), essa proposta parte de uma compreensão profunda do ser humano e do amor como fundamento pedagógico, considerando também a espiritualidade como uma dimensão natural do ser.

Da Pedagogia Waldorf à Pedagogia Espírita

O objetivo é contribuir para o desenvolvimento harmonioso das diferentes dimensões humanas — física, mental, intelectual, intuitiva e psicoespiritual —, compreendendo a educação como processo de formação integral. Essa concepção reforçou minha compreensão de que a educação do século XXI precisa ultrapassar a simples transmissão de conhecimentos e contribuir para o desenvolvimento pleno do ser humano.

Pedagogia Waldorf

Na continuidade dessa busca, encontrei a Pedagogia Waldorf, fundamentada na cosmovisão de Rudolf Steiner. Essa abordagem compreende o ser humano como uma unidade físico-anímico-espiritual e entende que seu desenvolvimento não é determinado exclusivamente pela herança e pelo ambiente, mas também pela capacidade de responder interiormente às experiências vividas. Para Mizoguchi (2006), o ser humano nasce com potencialidades e capacidades que procuram desenvolver-se ao longo da vida; a educação deve, portanto, acompanhar esse processo, respeitando suas diferentes fases.

Entre os princípios associados à Pedagogia Waldorf encontra-se a Trimembração do Organismo Social, relacionada aos ideais de liberdade, igualdade e fraternidade. Outro aspecto importante é a compreensão do

desenvolvimento humano em períodos de aproximadamente sete anos, os chamados setênios: dos 0 aos 7 anos, a aprendizagem por imitação e a relação sensorial com o mundo; dos 7 aos 14 anos, o desenvolvimento dos sentimentos e da imaginação; e dos 14 aos 21 anos, o pensamento lógico, analítico e a busca por autonomia. A meta central dessa pedagogia é conduzir o educando da educação à autoeducação. Para isso, o próprio educador precisa assumir um processo permanente de autoeducação, reconhecendo que educar o outro exige, antes de tudo, trabalhar sobre si mesmo.

Pedagogia Espírita e o papel do educador

A busca pela compreensão da formação humana levou-me também à Pedagogia Espírita, especialmente aos estudos de Dora Incontri, que sistematizou aspectos históricos e filosóficos dessa proposta, tendo entre suas referências a figura de Eurípedes Barsanulfo. Nessa perspectiva, a educação está diretamente relacionada à compreensão do educador, do educando e da relação estabelecida entre ambos. Incontri (2004) destaca que ser educador é muito mais do que ser professor: os conhecimentos técnicos e metodológicos são importantes, mas não suficientes. O educador precisa desenvolver uma predisposição interna para educar, ampliar sua compreensão da vida, buscar a própria autoeducação e transformar em exemplo aquilo que pretende ensinar.

O educador que a criança precisa

Pais e professores devem unir esforços em favor da formação integral da criança. Para isso, o autoconhecimento assume papel fundamental: ao conhecer melhor a si mesmo, o educador amplia sua capacidade de compreender o outro. A responsabilidade é especialmente grande porque a criança encontra-se em processo de formação; por isso, a escolha e o exercício da profissão exigem compromisso, amor e consciência da influência que o adulto exerce. Entre as características necessárias ao educador, Incontri (2004) destaca:

Autoridade moral — conquistada pelo exemplo e por uma vida coerente, e não por gritos, punições ou autoritarismo.

Religiosidade ou espiritualidade — sentimento sincero de reverência pela vida e confiança no potencial humano.

Equilíbrio — domínio das próprias emoções e serenidade diante das situações.

Lucidez espiritual — para compreender o sentido da existência e auxiliar o educando.

Capacidade de observação — para compreender comportamentos e reações com tolerância, bondade e respeito.

Humildade — reconhecendo tanto as riquezas do outro quanto as próprias limitações.

Paciência — para ensinar, repetir, esperar e respeitar o ritmo de cada educando.

Firmeza e energia — para manter os ideais e cumprir a missão educativa.

Entusiasmo pelo saber — mantendo viva a disposição de pesquisar, perguntar, aprender e descobrir junto com o educando.

A educação, nessa visão, não é apenas uma profissão ou transmissão de conteúdos. É uma responsabilidade humana e moral. O educador participa do processo de formação de outros seres e, por isso, precisa assumir também o compromisso com sua própria transformação.

Educação e espiritualidade

A reflexão sobre essas diferentes abordagens conduziu-me à percepção de que existe uma necessidade crescente de repensar a relação entre educação e espiritualidade. Essa espiritualidade não precisa ser compreendida como uma questão exclusivamente religiosa, mas como uma busca pela compreensão da essência humana e do sentido da existência.

A educação, portanto, pode ir além das exigências imediatas do mercado de trabalho e contribuir para a evolução humana, formando pessoas capazes de viver em harmonia, relacionar-se de maneira mais consciente e participar das transformações da sociedade.

Conhecer diferentes propostas educacionais permite perceber que existem caminhos que

ultrapassam o modelo tradicional e colocam o ser humano integral no centro do processo educativo. Cabe aos educadores, pesquisadores e pais interessados na formação das novas gerações conhecer, estudar e divulgar essas abordagens, ampliando as possibilidades de uma educação mais humana, consciente e integral.

Maria Figueiredo

Referências: DELORS, J. et al. *Educação: um tesouro a descobrir* (UNESCO, 1996) · INCONTRI, D. *A Educação Segundo o Espiritismo* (Comenius, 2004) · MARTINELLI, M. *Conversando sobre Educação em Valores Humanos* (Peirópolis, 1999) · MIZOGUCHI, S. M. *Rudolf Steiner e a Pedagogia Waldorf* (Duetto, 2006) · YUS, R. *Educação Integral* (Artmed, 2002).

Existem caminhos que ultrapassam o modelo tradicional e colocam o ser humano integral no centro do processo educativo.

Aprender a viver

Mensagem psicografada

Se engana quem pensa que é fácil viver, acreditando que o significado da vida está nas coisas efêmeras e passageiras da matéria.

A vida não pode se resumir neste amontoado de coisas que ocorrem todos os dias com as pessoas. A vida vai muito além de tudo isso. A vida é a sequência da escalada que estamos fazendo rumo à evolução. É o trabalho incessante na seara do bem maior. É estar em constante busca de despertar a centelha divina que habita dentro de nós. É trabalho, é prazer pela fraternidade entre irmãos. É o semear a semente da boa vontade para colher mais tarde o plantio do amor.

Aprender a viver é uma oportunidade que nos é dada pelo nosso Pai Criador para alcançarmos a espiritualidade maior. Aprender a viver é ser bom, generoso, justo, amoroso, caridoso, compreensivo, afetuoso; é, principalmente, ser digno de chamarmos a Deus de nosso Pai.

Que a Paz e a misericórdia divina estejam com todos nós.

IRMÃO

Psicografada em 07/11/2007



O Menino da Mangueira

Relato anônimo de uma criança que, nos anos 70, acreditava ser um comandante exilado e pilotava sua nave em uma árvore.

No interior de São Paulo, no final dos anos 1970, havia um sítio isolado no fim de uma estrada de terra. Quase ninguém passava por ali. O lugar parecia esquecido até pelo tempo.

Morava naquele sítio, uma criança. Ninguém se lembra com precisão do nome. Os poucos adultos que a viram descrevem apenas um menino magro, de um branco alvo e olhos de um azul celeste tão límpido e profundo que pareciam ter sido roubados diretamente do céu de um mundo distante. Olhos belos demais, estranhos demais para pertencerem àquela idade.

Todos os dias, quando a tarde começava a declinar e a luz ficava dourada e estranha, o menino subia na mangueira. Não era uma mangueira comum. Era antiga, desproporcionalmente grande, com o tronco retorcido como se tivesse sido torturado pelo vento durante décadas. Seus galhos se abriam altos e largos, formando uma espécie de coroa sombria contra o céu. As folhas faziam um som seco e contínuo, mesmo quando não havia vento.

*Quando a tarde começava a declinar
e a luz ficava dourada e estranha,
o menino subia na mangueira.*



O menino da mangueira

Um comandante de outro tempo



Naquele lugar alto, ele voltava a ser o que realmente era: um comandante

O menino subia com uma seriedade inquietante. Não brincava. Não corria. Não ria. Escolhia sempre o mesmo ponto: uma bifurcação alta onde três galhos grossos se encontravam. Ali se acomodava, colocava as mãos abertas sobre a casca como se tocasse painéis invisíveis e, com gestos precisos e silenciosos, movia galhos menores e ajustava folhas como se configurasse instrumentos de navegação. Parecia estar preparando a nave para uma trajetória perigosa, uma rota difícil através de regiões desconhecidas do espaço.

Seus olhos azuis celestes, naqueles momentos, ficavam ainda mais intensos, como se refletissem constelações que ninguém mais conseguia ver. Ficava longo tempo concentrado naquelas manipulações minuciosas, o rosto tenso, quase adulto. Às vezes murmurava palavras baixas, em uma sequência que não pertencia a nenhuma língua conhecida pelos adultos da região. Quando o sol quase desaparecia, ele descia em silêncio, o rosto sereno, quase aliviado, e aqueles olhos azuis celestes brilhavam com uma quietude antiga, como quem havia cumprido uma obrigação que atravessava séculos.

Quem o observava de longe sentia um desconforto difícil de explicar. Não havia teatralidade infantil. Havia algo excessivamente preciso naqueles gestos. Como se a criança não estivesse fingindo, mas lembrando.

Segundo os poucos relatos que sobreviveram, o menino dizia — quando alguém se atrevia a perguntar — que naquele lugar alto ele voltava a ser o que realmente era. Um comandante. De uma nave que atravessara o vazio vinda de um lugar cujo nome não devia ser pronunciado. Alguém que fora lançado para cá depois de uma queda antiga, tão distante que a memória da humanidade já não ousava alcançá-la. A mangueira, segundo ele, não era árvore. Era o que restara da nave. O único fragmento material que seu espírito ainda conseguia reconhecer.

Como se a criança não estivesse fingindo, mas lembrando.

Planos de refúgio

Havia também os momentos em que, longe da mangueira, o menino se sentava em silêncio e desenhava. Em folhas soltas de caderno, com traços firmes e detalhados demais para sua idade, ele projetava naves intraterrenas — embarcações feitas para se enterrar nas profundezas da terra, protegidas contra catástrofes que ele parecia prever. Não eram desenhos de brincadeira. Eram planos de refúgio. Segundo os poucos que viram aqueles papéis, o menino dizia que precisava garantir a segurança dos que amava, caso o mundo lá em cima se tornasse perigoso demais.

Ninguém levava a sério, é claro. Era só uma criança com imaginação forte. Mas havia detalhes que incomodavam. A forma como ele nunca se machucava ao subir e descer

galhos perigosos. A maneira como os pássaros silenciavam quando ele estava lá em cima. E o olhar distante, quase adulto demais, daqueles olhos azuis celestes que ele carregava ao descer.

Com o tempo, a família se mudou. O sítio ficou abandonado. A mangueira continuou de pé, cada vez maior, cada vez mais retorcida.

Dizem que, em certas tardes de fim de inverno, quando a luz fica daquele jeito dourado e pesado dos anos 70, ainda é possível sentir uma presença quieta entre os galhos mais altos. Como se alguém ainda estivesse ali, com as mãos abertas sobre a casca, ajustando folhas e galhos, pilotando em silêncio uma nave que o mundo inteiro já esqueceu.

*As naves que ele desenhava não tinham armas.
Tinham apenas espaços amplos, sistemas de
sobrevivência e uma quietude solene, como se já
nascidas para abrigar, e não para conquistar.*

Um ponto de resgate

Hoje, na faixa dos 65 anos, aquele menino dos anos 1970 ainda existe. Não como uma figura pública, nem como alguém que busca reconhecimento. Vive de forma discreta, longe dos holofotes, em um lugar onde o tempo parece andar mais devagar.

E ele ainda tem uma mangueira. Não a mesma do sítio antigo. Esta é outra. Mais baixa, mais larga, com o tronco marcado por anos de silêncio e sombra. Mas para ele, é a mesma nave. Apenas transformada. O que antes era painel de comando e rota perigosa através do vazio, agora se tornou algo mais profundo e silencioso: um ponto de resgate.

Dizem aqueles que, por caminhos tortuosos, chegaram até ele, que sob aquela árvore ele recebe almas. Não qualquer alma. Aquelas que o tempo esquartejou. Almas surradas, cansadas, partidas, que já não conseguem encontrar o próprio ritmo. Almas que perderam a consciência de si mesmas no meio da dor.

Ele prega através do vento que passa entre as folhas. Explica com o simples fato de estar ali, imóvel e presente. Ele mesmo é o milagre

em ação — silencioso, constante, sem necessidade de anúncio.

Apenas sobe até a bifurcação dos galhos, coloca as mãos sobre a casca — do mesmo modo preciso e antigo — e, em silêncio, oferece pedaços daquilo que ainda carrega de sua vida eterna. Fragmentos de uma existência que atravessou séculos e distâncias que a memória comum não alcança. Pedaços de luz antiga, de consciência que não se quebrou completamente no exílio. Esses fragmentos, segundo os poucos relatos que circulam em voz baixa, são suficientes para aliviar o peso, devolver um pouco de clareza e, em alguns casos, permitir que a alma ferida encontre novamente um novo ritmo de vida.

Não há cerimônia. Não há palavras grandiosas. Apenas o homem de 65 anos, a mangueira, e o gesto silencioso de quem ainda pilotava uma nave... só que agora a trajetória não é mais através do espaço. É através da dor alheia. E, como nos anos 70, os pássaros ainda silenciam quando ele está lá em cima.

Depois de éons sem fim

E depois de éons sem fim — de voltas e mais voltas pela roda do tempo, de quedas e reerguimentos, de esquecimentos e súbitas lembranças —, aquele que um dia fora o menino da mangueira reconquista, finalmente, a nave perdida. Não a mesma que atravessara o vazio em tempos remotos, carregada de armamentos e de orgulho. Aquela se desfez, como se desfaz tudo o que nasce da separação e da força bruta. O que ele reconstrói agora é outra coisa.

Uma nave feita de caridade, de amor e de sabedoria acumulados ao longo de incontáveis existências. Uma nave cuja estrutura não é mais metal frio nem energia de destruição, mas a própria substância da compaixão. Cada painel é tecido com a memória do sofrimento alheio que ele cobriu com pedaços de sua vida eterna. Cada rota é traçada não para conquistar, mas para curar.

Ele já não comanda soldados. Comanda silêncios que acalmam. Já não aponta armas

contra mundos distantes. Oferece luz a seres que, em sua visão serena e profunda, são apenas crianças do infinito: simples, ignorantes ainda do vasto espaço divino que os cerca e os habita. A nave que ele pilotava outrora era instrumento de exílio e de poder. A que ele reconstrói agora é instrumento de retorno e de cura.

E quando, depois de éons, ele finalmente se assenta novamente no posto de comando — não mais em uma bifurcação de galhos, mas no coração pulsante dessa nova embarcação de luz —, seus olhos, ainda do mesmo azul celeste de outrora, não carregam a tensão do guerreiro exilado. Carregam a quietude de quem aprendeu, no longo e doloroso caminho da matéria, que a maior trajetória não é aquela que atravessa o espaço... mas aquela que atravessa o coração dos que ainda sofrem.

Nelson Ferreira

Assim, o menino da mangueira se torna, ao fim de todas as eras, o comandante de uma nave que não conquista mundos. Liberta almas.



A nave feita de caridade, de amor e de sabedoria — hoje, o resgate se faz servindo

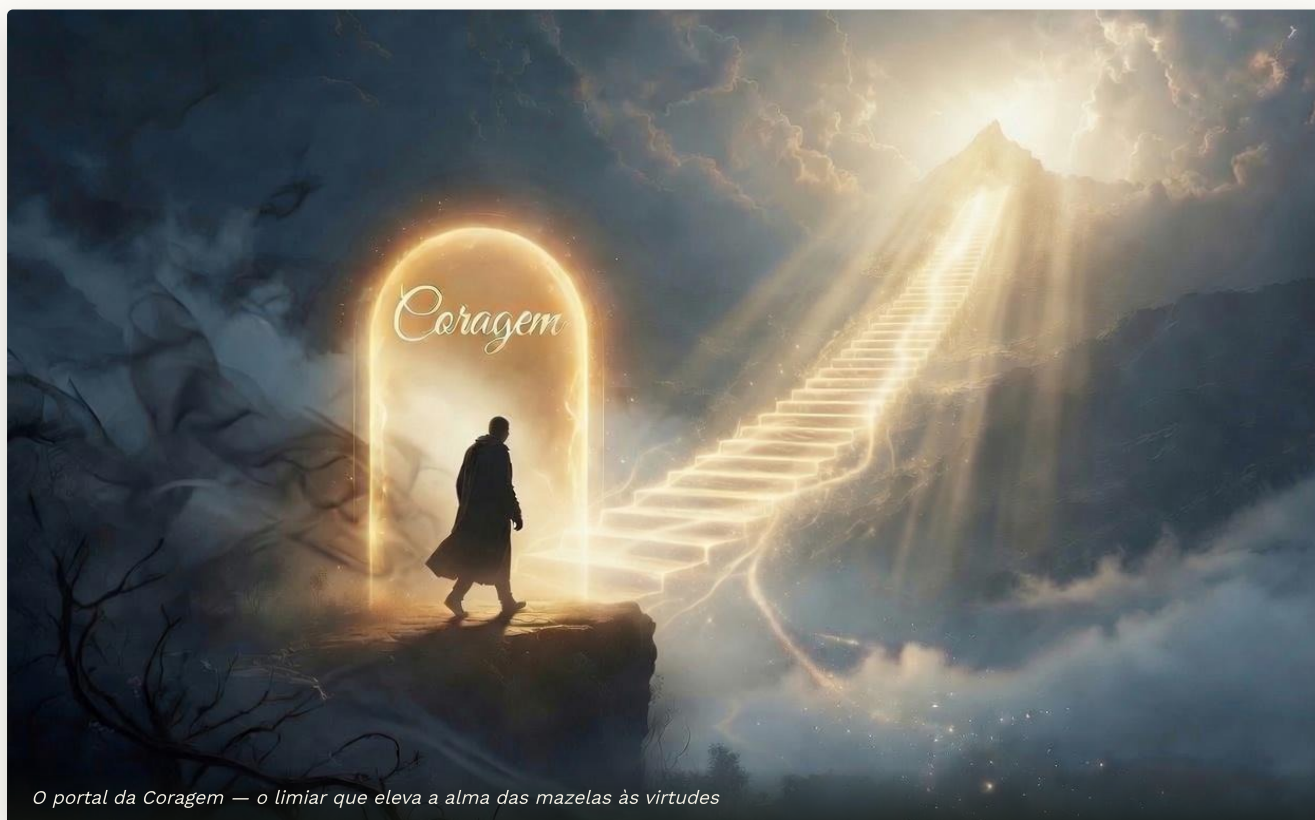
A coragem: o portal que eleva a alma

Em uma sociedade que frequentemente confunde coragem com agressividade ou ousadia impulsiva, o Espiritismo nos convida a resgatar o verdadeiro sentido dessa virtude essencial. Allan Kardec, em *O Livro dos Espíritos* e em *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, apresenta as virtudes não como meros adornos morais, mas como conquistas

progressivas do Espírito em sua jornada evolutiva.

Entre elas, a coragem ocupa lugar de destaque: não a coragem temerária que desafia perigos sem propósito, mas a força moral que permite ao ser humano enfrentar suas próprias fraquezas, resistir às tentações e avançar no caminho do bem, mesmo quando o mundo ao redor parece contrário.

A coragem não é a ausência do medo. É a decisão de avançar mesmo sentindo medo.



O portal da Coragem — o limiar que eleva a alma das mazelas às virtudes

A coragem segundo a Doutrina Espírita



Jesus no Getsêmani — exemplo supremo de coragem moral

A coragem verdadeira é, antes de tudo, uma disposição íntima. Ela se manifesta quando o Espírito decide não se deixar dominar pelo medo, pela dúvida ou pelo desânimo diante das provas que a vida apresenta. Jesus, o modelo máximo de perfeição que a humanidade pode alcançar, exemplificou essa virtude de forma sublime — não apenas na travessia do Getsêmani ou no Calvário, mas em cada momento em que escolheu o amor em vez da vingança, a verdade em vez da conveniência e o perdão em vez do ódio.

Os Espíritos Superiores nos ensinam que a coragem moral é mais elevada do que a coragem física. Enquanto esta última pode ser impulsiva ou até instintiva, a primeira exige lucidez, disciplina e, sobretudo, fé: é a coragem de reconhecer as próprias imperfeições sem se destruir por elas; de pedir perdão quando se errou; de continuar amando quando o coração foi ferido; de manter a integridade quando a maioria escolhe o caminho mais fácil.

Chico Xavier, em inúmeras mensagens, reforçou que a coragem verdadeira nasce da confiança em Deus e na justiça divina. Ela não elimina o medo — o medo faz parte da condição humana —, mas impede que o medo se torne o senhor das decisões.

***A coragem moral é mais elevada
do que a física: exige lucidez,
disciplina e, sobretudo, fé.***

A tabela de Hawkins e o limiar da transformação

Curiosamente, um mapa contemporâneo da consciência humana dialoga de forma impressionante com essa visão espírita. O psiquiatra e pesquisador David R. Hawkins, em sua conhecida Escala de Consciência (ou Tabela de Hawkins), calibrou os estados de consciência humana em uma escala logarítmica que vai de 1 a 1.000. Nessa escala, o nível 200 — precisamente o da coragem — representa o ponto de inflexão mais importante.

Abaixo desse limiar predominam as **energias de força**: vergonha, culpa, apatia, tristeza, medo, desejo, raiva e orgulho — estados que geram sofrimento, conflito e estagnação. A partir de 200, o ser humano começa a operar com **energias de poder** verdadeiro: coragem, neutralidade, disposição, aceitação, razão, amor, alegria, paz e, finalmente, iluminação.

A coragem, portanto, é o primeiro passo concreto para sair das mazelas emocionais e mentais e ingressar no território das virtudes superiores. Não se trata apenas de um conceito psicológico: é um verdadeiro portal vibracional. Quando o indivíduo encontra a coragem de enfrentar a verdade sobre si mesmo, de assumir responsabilidade por suas escolhas e de agir apesar do medo, ele abandona a zona de vitimismo e entra no campo da construção consciente.

Essa compreensão se harmoniza perfeitamente com a proposta espírita: o progresso moral começa quando o Espírito deixa de se identificar com suas misérias e decide trabalhá-las. A coragem é exatamente esse “sim” interior que permite a transição.

ESCALA DE CONSCIÊNCIA <i>David R. Hawkins</i>	
Iluminação	700–1000
Paz	600
Alegria	540
Amor	500
Razão	400
Aceitação	350
Disposição	310
Neutralidade	250
LIMIAR · Coragem	200
Orgulho	175
Raiva	150
Desejo	125
Medo	100
Tristeza	75
Apatia	50
Culpa	30
Vergonha	20
Níveis logarítmicos calibrados de 1 a 1.000	

Cultivando a coragem no cotidiano

Como desenvolver essa virtude de forma prática? A coragem não se conquista em um único gesto heroico: ela se cultiva, dia após dia, em escolhas silenciosas.

Autoconhecimento sincero — olhar para as próprias sombras sem julgamento destrutivo, mas com a disposição de transformá-las.

Pequenos atos de integridade — a coragem se fortalece nos gestos diários: dizer a verdade com delicadeza, manter um compromisso mesmo quando é inconveniente, pedir ajuda quando necessário.

Fé racional — a confiança de que nenhuma prova é maior do que a capacidade de superá-la, quando se conta com o amparo divino e com o próprio esforço.

Companhia dos bons Espíritos — através da prece, do estudo e da caridade, elevamos nossa vibração e recebemos inspirações que fortalecem a determinação.

Paciência consigo mesmo — a coragem também se manifesta na persistência. Nem sempre vencemos de uma só vez; às vezes, a maior coragem é continuar tentando.



Prece, estudo e receptividade — cultivando a coragem no dia a dia

O despertar da coragem com o Raio Azul



O Raio Azul — corrente da Vontade Divina, da Fé e da Coragem (Arcanjo Miguel)

Além dos recursos da Doutrina Espírita e do limiar vibracional apontado por Hawkins, muitos trabalhadores da luz reconhecem no Raio Azul uma poderosa corrente de energia voltada exatamente ao despertar da coragem, da vontade firme e da proteção espiritual. O Raio Azul, associado à Vontade Divina, à Fé e à Força da Alma, é regido por grandes Servidores da Luz — entre eles o Arcanjo Miguel e o Mestre El Morya.

Quando invocamos conscientemente essa corrente, recebemos um impulso interior que dissolve o medo paralisante, fortalece a determinação e nos ajuda a atravessar provas com firmeza serena. A coragem que nasce do Raio Azul não é impulsiva nem agressiva: é a força tranquila de quem sabe que está amparado e que nenhum obstáculo é maior do que a Luz que o sustenta.

“Que a força do Raio Azul desperte em mim a coragem necessária para cumprir meu dever com amor e firmeza.” A prece simples e sincera já começa a sintonizar a consciência com essa corrente elevada.

A força de Ogum e de Iansã



Ogum — coragem disciplinada, proteção e abertura de caminhos

Na tradição dos Orixás, **Ogum** é o grande guerreiro da luz, senhor do ferro, dos caminhos e da determinação. Ele representa a coragem que corta as amarras, abre estradas e enfrenta os obstáculos com firmeza e lealdade. Invocar Ogum, com respeito e pureza de intenção, é pedir a força que transforma o medo em ação construtiva. Não se trata de violência, mas de coragem disciplinada: a capacidade de seguir em frente mesmo quando o caminho parece fechado, de proteger o que é sagrado e de manter a palavra e a integridade.

Muitos filhos de fé sentem que, ao trabalhar com Ogum, a coragem moral se fortalece de forma prática e cotidiana — para enfrentar uma conversa difícil, manter um compromisso ou não desistir diante das provas; e que, ao se conectar com Iansã, a coragem se manifesta como movimento interior: a ousadia de recomeçar e de atravessar crises com dignidade. Enquanto Ogum abre os caminhos com firmeza de ferro, Iansã traz o vento que limpa a estrada e o raio que ilumina as decisões necessárias.



Iansã — coragem da transformação, ventos e liberdade

Iansã (Oyá), senhora dos ventos, das tempestades e dos raios, personifica a coragem da transformação — a força que enfrenta as tempestades da vida com ousadia serena e a capacidade de cortar o que já não serve ao crescimento da alma. Invocá-la é pedir a coragem de mudar, de atravessar os vendavais emocionais e de avançar com a liberdade e a velocidade do vento. Não agressividade, mas coragem dinâmica e libertadora: a disposição de soltar o que aprisiona e de proteger o sagrado com a intensidade do raio.

A coragem que o Espiritismo nos ensina encontra ecos poderosos no Raio Azul, na força de Ogum e na coragem transformadora de Iansã — todas convergindo para elevar a alma das mazelas às virtudes.

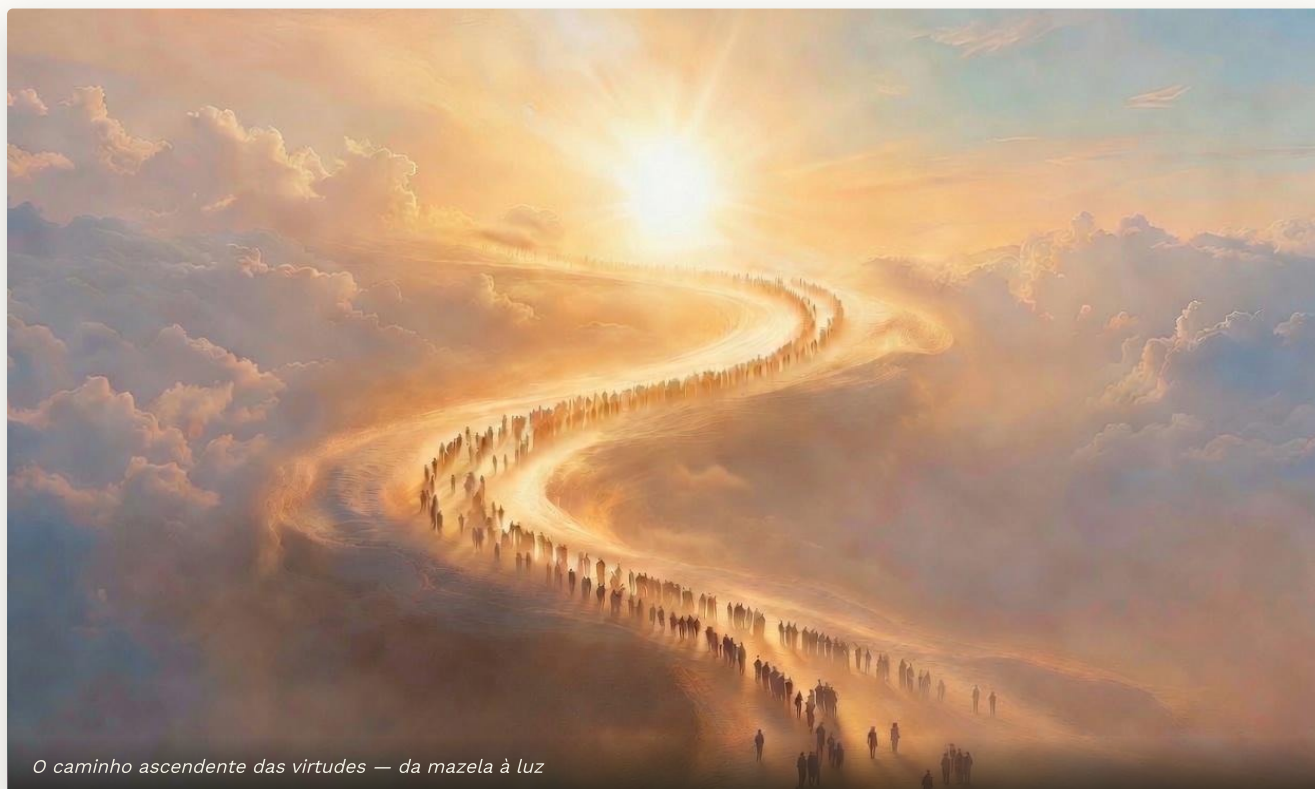
Conclusão

A coragem não é a ausência do medo: é a decisão de avançar mesmo sentindo medo. É o primeiro degrau sólido que nos permite deixar para trás as energias densas das mazelas — o medo paralisante, a raiva corrosiva, o orgulho isolante — e caminhar em direção às virtudes que realmente elevam o Espírito: a humildade, a caridade, a resignação ativa, o amor verdadeiro.

Que cada um de nós, ao refletir sobre essa virtude, possa identificar em sua própria vida o momento em que a coragem precisa ser convocada. Porque, como nos ensina a Doutrina Espírita e como a escala de Hawkins confirma de forma contemporânea, é nesse limiar que a alma começa, de fato, a conquistar sua liberdade interior.

Adriana de Souza Zucco

*Que a coragem nos acompanhe. Não como bravata,
mas como luz serena e firme no caminho da evolução.*



O caminho ascendente das virtudes — da mazela à luz

A Moral Cristã: o caminho da transformação interior

Quando se fala em Cristianismo, muitas pessoas pensam imediatamente em templos, rituais, dogmas e tradições. Entretanto, acima de qualquer estrutura religiosa, existe um patrimônio espiritual que atravessou os séculos: a moral ensinada por Jesus. A moral cristã não é um conjunto de proibições, tampouco um código destinado a controlar comportamentos: ela representa um caminho de aperfeiçoamento da consciência, cujo objetivo é conduzir o ser humano à sua verdadeira natureza espiritual.

Jesus não convidou seus discípulos a conquistarem poder, riqueza ou reconhecimento. Convidou-os a vencerem a si mesmos. Seu Evangelho é um chamado permanente ao domínio das paixões inferiores, ao cultivo da humildade, da

compaixão, do perdão, da justiça e do amor incondicional.

Sob uma perspectiva espiritualista, compreendemos que toda ação, pensamento e sentimento geram consequências que ultrapassam os limites de uma única existência. A Lei de Causa e Efeito manifesta-se como expressão da Justiça Divina, oferecendo à alma inúmeras oportunidades de aprendizado e crescimento. Nesse contexto, a moral cristã deixa de ser uma obrigação religiosa e transforma-se em uma ciência da evolução espiritual. Não basta conhecer elevados ensinamentos: é preciso vivê-los. O orgulho, a vaidade, a intolerância, a inveja e o egoísmo constituem verdadeiras prisões da consciência. Libertar-se dessas sombras é o trabalho silencioso que cada espírito realiza, existência após existência.

Não basta conhecer elevados ensinamentos: é preciso vivê-los.

Quanto do Cristo vive em nossas atitudes?

Os recursos espirituais, inclusive aqueles utilizados em práticas espiritualistas e apométricas, jamais substituem a reforma íntima. Podem aliviar influências negativas, favorecer o equilíbrio energético e auxiliar processos de libertação espiritual, mas nenhuma técnica é capaz de substituir a transformação moral do indivíduo. A verdadeira libertação acontece quando a consciência escolhe o bem. A apometria, quando conduzida com ética, discernimento e profundo respeito às Leis Divinas, pode servir como instrumento de auxílio fraterno; contudo, seu valor reside na caridade, nunca na curiosidade, no sensacionalismo ou na busca de poder espiritual. Toda assistência genuína encontra sua força na sintonia com os princípios do amor ensinados por Cristo.

A moral cristã permanece atual porque trata daquilo que existe de mais profundo no ser humano: a capacidade de amar, perdoar, servir e transformar-se. Enquanto as civilizações mudam, tecnologias evoluem e conceitos se renovam, esses valores

permanecem como fundamentos da verdadeira paz.

Talvez o maior milagre não seja curar um corpo enfermo, mas despertar uma consciência adormecida; não seja dominar forças invisíveis, mas vencer o orgulho que habita o próprio coração; não seja conhecer os mistérios do universo, mas tornar-se um instrumento da Luz onde quer que se esteja.

Ao final, toda jornada espiritual converge para uma única pergunta: **“Quanto do Cristo vive em nossas atitudes?”** A resposta não será encontrada nas palavras que pronunciamos, nem nos conhecimentos que acumulamos, mas na maneira como tratamos o próximo e conduzimos nossa própria existência. A moral cristã continua sendo a ponte entre o ser humano e sua essência divina. Quem a percorre, passo a passo, descobre que o verdadeiro Reino de Deus não é um lugar distante, mas um estado de consciência construído diariamente por meio do amor, da verdade e da prática do bem.

Roberto Siqueira

*A verdadeira libertação acontece
quando a consciência escolhe o bem.*

Iniciação Espírita e Estudos Mediúnicos

Uma jornada de conhecimento, experiência e espiritualidade.

Há doze anos, nossa Casa Espiritual abriu suas portas para aqueles que buscam respostas para as grandes perguntas da existência. De onde viemos? Quem somos? Por que estamos aqui? Para onde vamos? E, talvez a mais importante de todas: o que precisamos despertar em nós mesmos para compreender o sentido da vida?

Ao longo dessa primeira década, nossa Casa construiu uma trajetória marcada pelo estudo, pela reflexão, pela experiência e, principalmente, pelo compromisso com aqueles que chegam em busca de um caminho de desenvolvimento espiritual. Mais do que oferecer cursos, procuramos proporcionar experiências de aprendizado capazes de tocar a consciência. Porque entendemos que espiritualidade não é apenas aquilo que se aprende, mas aquilo que, depois de compreendido, começa a transformar a maneira como pensamos, sentimos e nos relacionamos com a vida.

O primeiro passo de uma grande jornada

A **Iniciação Espírita** foi concebida para aqueles que começam a se aproximar desse universo e desejam compreender seus fundamentos antes de avançar para estudos mais específicos. É uma porta de entrada. Não se trata simplesmente de apresentar conceitos ou transmitir conhecimentos: o propósito é oferecer ao participante instrumentos para que ele possa olhar para a própria existência sob uma perspectiva mais ampla, compreender os fundamentos da espiritualidade e começar a perceber que o autoconhecimento é parte essencial de qualquer processo de despertar.

Nesse primeiro contato, as perguntas são tão importantes quanto as respostas. O estudante é convidado a refletir, questionar, investigar e, sobretudo, a construir suas próprias compreensões. Afinal, nenhuma verdadeira transformação acontece quando simplesmente aceitamos aquilo que nos é apresentado: o conhecimento precisa ser experimentado, refletido e incorporado.

Espiritualidade não é apenas aquilo que se aprende, mas aquilo que começa a transformar a maneira como vivemos.

Do aprofundamento mediúnico

Dos primeiros contatos ao aprofundamento mediúnico

Para aqueles que, após essa etapa inicial, sentem-se preparados para aprofundar sua caminhada, surgem os **Estudos Mediúnicos**. Aqui, a jornada ganha novas dimensões. O estudo da mediunidade exige responsabilidade, conhecimento, equilíbrio e, acima de tudo, maturidade. Não basta reconhecer fenômenos ou desenvolver determinadas percepções: é necessário compreender o ser humano em sua dimensão espiritual, conhecer os mecanismos envolvidos e aprender a lidar com essa realidade com discernimento e consciência.

Por isso, nossos Estudos Mediúnicos não são tratados como um simples aprendizado técnico. São parte de um processo mais amplo de educação espiritual e desenvolvimento interior. A mediunidade, quando compreendida dentro de uma perspectiva responsável, pode tornar-se uma oportunidade de aprendizado, serviço e transformação. E é justamente por isso que o conhecimento deve caminhar ao lado da experiência, da ética e do equilíbrio.

Professores ou facilitadores?

Uma expressão passou a traduzir muito bem a maneira como nossa equipe procura conduzir esses encontros: *facilitadores*. Não porque o conhecimento seja menos importante, mas porque acreditamos que ninguém é dono absoluto da verdade. O professor tradicional pode ocupar o lugar daquele que transmite o conhecimento; o facilitador, por sua vez, procura criar condições para que o conhecimento seja descoberto, questionado e compreendido pelo próprio estudante.

Ao longo desses anos, nossa experiência à frente das duas escolas nos ensinou que cada pessoa chega em um momento diferente de sua jornada. Algumas trazem perguntas; outras, experiências; algumas procuram respostas para acontecimentos que não conseguem compreender; outras simplesmente sentem que existe algo além daquilo que os olhos podem perceber. E todas merecem ser acolhidas com respeito. Nossa responsabilidade, portanto, não é dizer ao outro no que ele deve acreditar, mas oferecer conhecimento, compartilhar experiências e estimular a busca consciente.

Acreditamos que ninguém é dono absoluto da verdade.

Doze anos de compromisso

Doze anos representam muito mais do que uma data comemorativa. São doze anos de encontros, estudos, dúvidas, descobertas, experiências e histórias de pessoas que passaram por nossa Casa. Todo esse tempo, acompanhando aqueles que deram os primeiros passos e também aqueles que decidiram aprofundar sua caminhada. Nesse período, também aprendemos que uma escola espiritual não se constrói apenas pelos conteúdos que apresenta, mas pela qualidade humana daqueles que estão envolvidos no processo.

Por isso, nosso compromisso permanece o mesmo: estudar continuamente, compartilhar

o que aprendemos, respeitar o caminho individual de cada pessoa e criar um ambiente onde a espiritualidade possa ser buscada com liberdade, responsabilidade e consciência. Celebrar doze anos é, portanto, olhar para tudo o que foi construído, mas também perceber que ainda há muito a aprender. Porque o despertar espiritual não é um ponto de chegada: é uma jornada. E talvez a maior beleza dessa jornada esteja justamente em descobrir que, quanto mais aprendemos sobre a existência, mais percebemos o quanto ainda temos para compreender sobre nós mesmos.

Silvia Teixeira

Nossa Casa completa doze anos. E seguimos acreditando que despertar é apenas o começo.

Agenda semanal — você conhece as atividades da Arcas?

Rua Luís Góis, 243 — Mirandópolis, São Paulo · atividades presenciais e on-line.

Segunda

Desobsessão (somente trabalhadores) 19h30

Terça

Curso de Iniciação Espírita (presencial/on-line) 20h00

Quarta

Passe 18h00

Abertura dos trabalhos 19h00

Tratamento Espiritual e Apométrico (c/agendamento) 19h30

Quinta

Curso de Apometria (presencial/on-line) 19h30

Curso de Estudos Mediúnicos (presencial/on-line) 20h00

Sábado

Curso de Iniciação Espírita (presencial/on-line) 08h00

Passe 12h00

Lanchonete (almoço) 12h00

Abertura dos trabalhos 13h00

Tratamento Espiritual e Apométrico (c/agendamento) 13h30

Curso de Estudos Mediúnicos (presencial/on-line) 18h00

Domingo

Palestras espiritualistas (presencial/on-line) 08h30

Curso de Apometria (on-line — somente trabalhadores) 09h00

Livraria 10h00

Trabalho social (na sede) (somente trabalhadores) 10h00

Bazar beneficente 11h00

Curso de Orthometria (presencial/on-line — somente trabalhadores) 11h00

Lanchonete (almoço) 12h00

TRABALHOS SOCIAIS EXTERNOS

Visita a abrigos — 1º, 2º e 3º sábado, 08h30

Lanche a moradores em situação de rua — 1º e 3º sábado (preparo às 14h00)

Lanche a moradores em situação de rua — 1º e 3º domingo (distribuição às 07h00)

Visita a asilo — 3º domingo, 12h00

Somente trabalhadores e alunos

ATIVIDADES MENSAIS

1º domingo

Confecção de bonecas para doações (somente trabalhadores)

2º domingo

Tratamento para animais — 13h30 (presencial, sem agendamento, com distribuição de senhas)

3º domingo

Coral Arcas — 11h00 (somente trabalhadores)

Laboratório Espiritual — 15h00 (grupo fechado)

Treinamento de Psicografia — 13h30 (somente trabalhadores)

Venha participar! Sua presença faz a diferença e transforma vidas.



Associação Ramatis Caridade, Amor e Sabedoria

“Fora da caridade não há salvação.”

Rua Luís Góis, 243 — Mirandópolis · São Paulo, SP

arcasramatis.org.br · youtube.com/@arcasramatiscaridadeamores2207

REVISTA ARCAS · EDIÇÃO Nº 1 · SETEMBRO 2026